

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**OS MEDOS, AS PERDAS E AS MUDANÇAS NA VIDA DAS CRIANÇAS
INSTITUCIONALIZADAS**

Ana Sofia Martins Soares

outubro, 2014

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da
Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora
Margarida Rangel Henriques (F.P.C.E.U.P.).

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**OS MEDOS, AS PERDAS E AS MUDANÇAS NA VIDA DAS CRIANÇAS
INSTITUCIONALIZADAS**

Ana Sofia Martins Soares

outubro, 2014

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da
Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora
Margarida Rangel Henriques (F.P.C.E.U.P.).

Ana Sofia Martins Soares
Presidente: Doutora Isabel Freitas
Arguente: Doutora Diana Alves
Orientadora: Doutora Margarida Henriques
Classificação: 16 valores

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceituais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

À Professora Doutora Margarida Rangel Henriques por ter aceite tão prontamente o meu tema. Por todas as sugestões e transmissão de conhecimento. Por me ter norteado o caminho nas muitas alturas de dúvida.

À Professora Doutora Marina Serra Lemos pelo apoio essencial na fase final deste trabalho. Pelas directrizes que facilitaram a leitura deste trabalho e pela rápida resposta em ajudar.

A todas as pessoas da oficina de investigação. Pelas sugestões, pela ajuda, pelo companheirismo. Em especial ao Pedro Saraiva por me acompanhar na ida às instituições, pelo apoio, pelas sugestões, por todas as vezes que ficou a trabalhar comigo e por todas as ajudas em momentos cruciais.

Um agradecimento especial à Maria, companheira de todas as horas e de todos os momentos de sufoco, de dúvida e também de alegria e vitórias. Pelo seu companheirismo e ajuda, pela sua disponibilidade. Por ser simplesmente quem é, o meu sincero obrigado.

Aos meus colegas/amigos de estágio pela disponibilidade, pelo apoio, pela segurança que me iam transmitindo. Em especial ao Professor Doutor Vítor Teixeira, meu orientador de estágio, à Diane Gouveia e à Ana Camacho.

A todas as crianças que tão prontamente abriram “as portas” dos seus corações e comigo partilharam as suas mais profundas histórias, angústias e vivências na instituição. A todo o carinho demonstrado, que mesmo sem nada para lhes oferecermos em nada renunciaram e sempre nos receberam com um sorriso. Igualmente, o meu profundo agradecimento às instituições e às técnicas que se disponibilizaram e acederam ao nosso pedido para puder levar este estudo adiante.

À minha família por me ter acompanhado neste percurso de cinco anos. Por confiarem em mim, por “aturarem” as minhas angústias e desassossegos. Pelo apoio incondicional e por acreditarem em mim.

Resumo

A institucionalização constitui uma transição não normativa na vida das crianças. É a medida mais “pesada” que se pode tomar, mas é também aquela que garante a proteção e o bem-estar da criança quando esta não os pode receber da figura cuidadora.

Este trabalho teve por objetivo conhecer as principais perdas e as mudanças sentidas pelas crianças aquando da institucionalização e perceber de que maneira estas vivências se relacionam com o medo. Nesta investigação participaram 15 crianças institucionalizadas com idades compreendidas entre os 5 e os 11 anos.

Partindo de um guião de entrevista, construído com o objetivo de conhecer esta realidade, pretendemos abarcar alguns pontos distintos: Como foi a vinda da criança para a instituição; Qual a compreensão da criança acerca da institucionalização no geral; Quais as lembranças que a criança tem da sua vida fora da instituição; Que perdas referem na entrevista e que mudanças pensam ter existido após a institucionalização. A temática das perdas e das mudanças foi analisada através das respostas das crianças à referida entrevista. Os medos das crianças foram avaliados através de um questionário de medos “Fear Survey Schedule For Children” de Ollendick (1978), cujo foco são os medos do falhanço e da crítica, o medo do perigo, morte e ferimentos, o medo do desconhecido, o medo dos animais e os medos relacionados com atos médicos. Um outro questionário dos medos, criado essencialmente para o objetivo deste estudo, mais direccionado para os medos específicos, serviu como ponte para esta análise, ou seja, para conhecer quais os medos mais frequentes das crianças relacionados com a institucionalização,

A análise de dados foi realizada utilizando uma abordagem mista, ou seja, os dados foram analisados qualitativa e quantitativamente. A análise qualitativa foi feita recorrendo à análise de conteúdo e a análise quantitativa foi feita essencialmente através do SPSS. Os resultados mostraram: 1- As principais perdas e mudanças sentidas pelas crianças; 2- Os principais medos- específicos e gerais; 3- Relação das perdas e lembranças com os medos.

Palavras – chave: Institucionalização; perdas e mudanças; medos e comportamentos; variáveis individuais e contextuais; análise mista de dados.

Abstract

Institutionalization is a non-normative transition in the lives of children. It is the most "heavy" decision, but it's also one that ensures the protection and welfare of the child when it can not be provided by the caregiving figure.

This study aimed to know the major losses and changes experienced by children when they are institutionalized and to understand the way in which these experiences relate to children fear. Participants in this study were 15 institutionalized children aged 5 to 11 years.

Starting with an interview protocol constructed with the aim of knowing this reality, we intend to cover a few distinct points: How was the coming of the child to the institution; which is the child's understanding about institutionalization in general; What are the memories that the child has of his/her life outside the institution; What losses changes related with the institutionalization does the child report. The themes of loss and of changes were analyzed through the children's responses to that interview. Children's fears were evaluated using the "*Fear Survey Schedule For Children*" questionnaire, by Ollendick (1978), which focuses on the fears of failure and criticism, fear of danger, death and injury, fear of the unknown, fear of animals and fears related to medical procedures. Another fears questionnaire was developed primarily for the purposes of the present study, and targeted specific fears related to institutionalization.

Data analysis was performed using a mixed approach, ie, the data were analyzed quantitatively and qualitatively. Qualitative analysis was done using content analysis and quantitative analysis was done essentially through SPSS. The results showed: 1 Key losses and changes experienced by children; 2 The main specific and general fears-; 3 ratio of losses and memories with fears.

Key - words: Institutionalization; losses and changes; fears and behaviors; Individual and contextual variables; Mixed data analysis.

Résumé

L'institutionnalisation est une transition non-normative dans la vie des enfants. Elle est la plus «lourde» réponse que vous pouvez prendre, mais c'est aussi celle qui assure la protection et le bien-être de l'enfant quand il ne peut pas les recevoir de la figure de prestation de soins.

Cette étude visait à connaître les grandes pertes et les changements vécus par les enfants lors de l' institutionnalisation et de comprendre la façon dont ces expériences sont liées à la peur. Dans cette recherche ont participé 15 enfants institutionnalisés âgés de 5 à 11 ans.

A partir d'un guide d'entretien construit dans le but de connaître cette réalité, nous avons l'intention de couvrir quelques points distincts: Comment a été la venue de l'enfant à l'institution; Quel est la compréhension de l'enfant sur l'institutionnalisation en général; Quels sont les souvenirs que l'enfant a de sa vie en dehors de l'institution; Les pertes qui se rapporte à l'entrevue et quels changements censés avoir existé après l'institutionnalisation. Le thème de la perte et de l'évolution a été analysée par les réponses des enfants à l'entretien. Les craintes de l'enfant ont été évalués par un questionnaire de craintes " *Fear Survey Schedule For Children*" de Ollendick (1978),, dont le centre est la peur de l'échec et de la critique, la peur du danger, la mort et les blessures, la peur de l'inconnu, la peur des animaux et les craintes liées à des procédures médicales. Un autre questionnaire, crée essentiellement pour répondre à l'objectif de cette, étude sur les craintes, servira comme départ pour cette analyse, un questionnaire plus spécifique, pour connaître quels sont les peur des enfants placés en institution.

L'analyse des données a été effectuée en utilisant une approche mixte, c'est à dire, les données ont été analysées quantitativement et qualitativement. L'analyse qualitative a été effectuée en utilisant l'analyse de contenu et l'analyse quantitative a été réalisée essentiellement par SPSS. Les résultats ont montré des: 1 Pertes et changements clés vécus par les enfants; 2 Le principaux peurs - spécifique et générale; 3 le rapport des pertes et des souvenirs avec les craintes.

Mots - clés: Institutionnalisation; les pertes et les changements; craintes et les comportements; Les variables individuelles et contextuelles; analyse mixte des données.

Índice

Introdução	1
Capítulo I Enquadramento teórico.....	3
1. A Institucionalização	4
1.1. Breve resenha histórica sobre as instituições.....	6
1.2.. Estudos sobre o impacto da institucionalização.....	9
1.2.1 Funcionamento cognitivo e linguístico.....	9
1.2.2.Desenvolvimento emocional e psico-social	10
2.Perdas, mudanças e medos na institucionalização.....	11
2.1. Perdas, mudanças e luto.....	11
2.2. Medos.....	14
Capítulo II Estudo Empírico	17
1.Introdução.....	18
2. Método.....	18
2.1. Objetivos.....	18
2.2. Participantes.....	19
2.3. Instrumentos.....	20
2.4. Procedimento	21
3. Análise dos resultados.....	23
3.1. A Análise de conteúdo	23
3.1.1. O processo de categorização.....	24
3.1.2. Resultados do sistema de categorização	25
3.2.Caraterização dos medos	28
3.2.1. Caracterização dos medos gerais.....	28
3.2.2. Caraterização dos medos específicos.....	29

3.3. Caraterização das perdas.....	31
3.4. Caraterização das lembranças	33
3.5. Comparação entre grupos	34
3.6. Correlações entre as variáveis.....	35
4.Discussão dos resultados	40
4.1. A vivência institucional das crianças	41
4.2. As perdas vivenciadas pelas crianças	41
4.3. As lembranças	42
4.4. Os medos.....	43
5.Conclusões	44
Referências bibliográficas	46
Anexos	49

Siglas e abreviaturas utilizadas

e.g – *Exempli gratia*, por exemplo

Et al. – Et alii, e outros

C.f – confer, conferir

CPCJ – Comissão de Protecção de Crianças e Jovens em perigo

LPCJP – Lei de Protecção de Crianças e Jovens em Perigo

SPSS – Statistical Package for the Social Sciences

Índice de Quadros

Quadro 1 – Distribuição das idades da amostra	19
Quadro 2 – Distribuição do género da amostra	20
Quadro 3 – Sistema de categorização	25
Quadro 4 – Descrição Mínimos, Máximos, Médias e Desvios-Padrão dos medos gerais organizados por ordem decrescente	29
Quadro 5 – Descrição Mínimos, Máximos, Médias e Desvios-Padrão dos fatores organizados por ordem decrescente	29
Quadro 6 – Frequência de respostas dos medos específicos	30
Quadro 7 – Descrição Mínimos, Máximos, Médias e Desvios-Padrão dos medos específicos organizados por ordem decrescente	31
Quadro 8 – Frequência de respostas das perdas	32
Quadro 9 – Descrição Mínimos, Máximos, Médias e Desvios-Padrão das perdas por ordem decrescente	33
Quadro 10 – Frequência de respostas das lembranças	34
Quadro 11 – Descrição Mínimos, Máximos, Médias e Desvios-Padrão das lembranças organizados por ordem decrescente	34
Quadro 12 – Correlações entre medos específicos e fatores	36
Quadro 13 – Correlações entre medos específicos e perdas	38
Quadro 14 – Correlações entre perdas e lembranças	39
Quadro 15 – Correlações entre perdas e fatores	40

Índice de Anexos

Anexo A – Ficha de dados de identificação	50
Anexo B – Entrevista semiestruturada para as crianças	57
Anexo C – Consentimento informado	62
Anexo D – Questionário de medos específicos	63
Anexo E – Questionário dos medos gerais (Fear Survey Shedule for children- revised)	64
Anexo F – Fatores e classificação de cada medo geral	66
Anexo G – Mínimo, Máximo, Média e Desvios-Padrão de cada medo geral organizados do mais referido para o menos referido	67

Introdução

“Os fenómenos a que assistimos de perto tornam-se reais para nós e os que não nos interessam são reduzidos ao estatuto de imaginários, de aparências ilusórias, por fim equivalentes a nada.”

(William James, 1950, p.290)

A institucionalização tem surgido como uma medida alternativa de prestação de cuidados em percursos de vida marcados por diversas situações adversas associadas a orfandade, maltrato, negligência e/ou abandono por parte dos cuidadores.

Segundo Bullock (1999), o acolhimento de crianças e jovens em instituição deve ser entendido como um direito seu, sempre que se verifiquem os pressupostos necessários para tal. Em Portugal, é uma medida de último recurso e pretende-se com esta medida salvaguardar o interesse superior da criança.

Por ser um tema cada vez mais discutido, mas, essencialmente, por despertar em mim um interesse especial, este será o foco principal deste trabalho: a institucionalização e as crianças. Foi de interesse pessoal estudar a institucionalização de crianças e perceber de que maneira as perdas que decorreram da institucionalização e as mudanças não normativas que sofreram poderiam estar relacionadas com os seus medos.

Assim, pretende-se com esta investigação, fundamentalmente, obter uma ideia mais clara de como são vivenciadas as perdas pelas crianças institucionalizadas e conhecer o melhor possível as suas realidades.

Este trabalho constitui o desenvolvimento de um percurso que se iniciou em 2009 na Faculdade de Psicologia e de Ciências da educação, que desde logo me despertou o interesse em trabalhar com crianças e adolescentes. As crianças institucionalizadas são, sem qualquer dúvida uma área pela qual nutro grande interesse e o trabalho feito com essas crianças acaba por ser recompensador. Tive oportunidade de presenciar de perto as dificuldades que enfrentam as crianças e jovens privados do seu meio familiar, tornando-se, assim, aquele fenómeno “real” para mim e consciencializando-me das severas dificuldades e necessidades que aquelas crianças têm.

Assim, com este estudo, é esperado, que de algum modo, se possa contribuir para que as crianças e jovens institucionalizados não possuam mais o “estatuto de imaginário, de aparências ilusórias” (William James, 1950, p.290) e que sejam cada vez mais os interessados em conhecer esta realidade para que mudanças sejam feitas.

O presente trabalho organiza-se em duas partes. A primeira parte tem uma natureza eminentemente teórica, constituindo uma perspectiva sobre o “estado da arte” acerca da institucionalização. Assim, no primeiro capítulo, abordamos o conceito de institucionalização de crianças e jovens, é apresentada a evolução histórica das instituições e das leis de proteção das crianças e jovens em Portugal e é feito um pequeno levantamento de estudos internacionais que têm analisado o impacto da institucionalização. A segunda parte apresenta o estudo empírico realizado nas suas diversas fases: da preparação da investigação à análise e discussão dos resultados. É descrito o projeto de investigação, os seus objetivos e a metodologia utilizada para a recolha e análise dos resultados. De seguida, são descritos os principais resultados obtidos e discutida toda a informação recolhida e analisada. Por fim, são analisados os principais contributos e limitações deste estudo.

Capítulo I

Enquadramento teórico

1. A Institucionalização

“Cada instituição é uma casa de “faz-de-conta”, para crianças e adolescentes que continuam a sentir um profundo vazio de uma “casa de verdade”, com uma “família de verdade”, como têm outros meninos e meninas”

(Alberto, 2003, p. 242)

O tema da institucionalização tem vindo, nos últimos anos, a tornar-se um assunto recorrente nos meios de comunicação social e na opinião pública em geral e, por consequência, tem sido alvo de uma atenção governamental sem precedentes. Alberto (2003) refere que abordar o fenómeno da institucionalização é mais complexo que a mera análise das instituições. No mesmo sentido, Martins (2005) menciona que “a institucionalização não constitui uma variável homogénea e isolada; nem institucionalização é sinónimo de acolhimento institucional, nem o substantivo singular – instituição – é colectivo, isto é, não contém a realidade diversa e plural de prestações institucionais de protecção infantil” (p.3).

A institucionalização tem vindo a ser descrita como “uma alternativa face a falhas nos contextos sociais (sobretudo no microssistema familiar) que caracterizam a vida da criança no momento da pré-transição” (Durnaret, Coppel- Batsh & Couraud, 1997; Price & Llandsverk, 1998; Zlotnick, Robertson & Wright, 1999 cit. in Formosinho, Araújo, Sousa, 2002, p. 268).

Quando se recorre à institucionalização é necessário ter em consideração que a história de vida da criança até esse momento se caracterizou por sucessivos abandonos (abandono pelos pais, abandono pelos familiares), dificultando a sua adaptação ao novo meio (Mascarenhas & Dupas, 2001 cit. in Coelho 2009).

À luz da perspectiva de Bronfenbrenner, a institucionalização pode ser encarada como uma transição ecológica, uma vez que implica mudanças de contexto

e de papel, tendo repercussões ao nível dos processos desenvolvimentais da criança ou do adolescente que a experiencia.

Algumas variáveis que moderam este impacto da institucionalização são: o motivo da institucionalização, a qualidade da relação parental prévia, a oportunidade de desenvolver relações de vinculação na instituição, a qualidade dos cuidados prestados na instituição, a idade da criança, a duração da separação, o sexo e o temperamento da criança (Siqueira & Dell’Aglia, 2006).

No caso da institucionalização da criança, uma tomada de decisão muito frequente no nosso país, a criança abandona uma estrutura familiar para ser integrada numa estrutura coletiva onde o sentido de individualidade e de pertença é diminuído, nomeadamente pela partilha alargada de bens materiais e afetivos. Por outro lado, a qualidade dos recursos humanos e materiais nem sempre é assegurada, verificando-se frequentemente uma rotação dos profissionais, o que não assegura a continuidade dos processos educativos das crianças ao longo do seu crescimento e desenvolvimento (Vilaverde, 2000).

A institucionalização associa-se frequentemente a um sentimento de punição na criança, à estigmatização e à discriminação social, conduz também à desresponsabilização da família, e desempenha uma função de controlo social e reprodução das desigualdades (Alberto, 2003). Assim, ao invés de estimular o desenvolvimento da criança que acolhe, a instituição pode funcionar como um factor de risco, quer pela ameaça direta quer pela ausência de oportunidades que se podem verificar naquele contexto. A ausência de uma relação de um-para-um com um cuidador primário coloca as crianças institucionalizadas em situação de privação precoce, onde não têm um cuidador principal, nem uma atenção individualizada.

Estas crianças tornam-se, assim, vulneráveis a desordens de vinculação e a atrasos desenvolvimentais nos domínios social, comportamental e cognitivo. O atendimento padronizado às crianças e o elevado ratio criança por cuidador, a ausência de modelos adaptativos, as limitações na partilha de afetos e as dificuldades no relacionamento são fatores de risco que a própria instituição comporta. Também na adaptação a este novo contexto, as crianças confrontam-se com tarefas

psicológicas, sociais e comportamentais demasiado exigentes perante a sua falta de recursos (Oliveira-Formosinho, Araújo & Sousa, 2001/2002).

1.1. Breve resenha histórica sobre as instituições

Martins (2006) considera que o estudo da história da infância desprotegida na sociedade portuguesa permite uma melhor compreensão de tudo o que (não) se fez em cada época, do contexto histórico e do modo como a sociedade considerou essa infância e juventude.

A primeira instituição vocacionada para o acolhimento de crianças órfãs e abandonadas data do século XIII, que ficou conhecida como o Hospício dos Enjeitados, fundado em Lisboa, por iniciativa de D. Beatriz, primeira mulher de D. Afonso III. Mais tarde, em 1321, a Rainha Santa Isabel fundou o Hospital de Meninos de Santarém (Graça, 2000). No século XV surgem as primeiras medidas de protecção à infância visando as crianças órfãs e vítimas de abandono. Por iniciativa de D. Leonor e D. Manuel, surgiram várias instituições para o acolhimento destas crianças nas áreas de Lisboa e do Porto (Vilaverde, 2000). No século XV e XVI surgiram as Misericórdias, marcando o início de estruturas organizadas de carácter religioso vocacionadas para a prática de caridade, de assistência e beneficência para crianças, idosos, pobres e presos. Posteriormente, criaram-se outros estabelecimentos de assistência e de educação para as crianças abandonadas, órfãs e pobres, tais como hospícios, orfanatos, seminários, recolhimentos, colégios, asilos, etc (Martins, 2006).

A partir do século XVI, as Ordenações Manuelinas e Filipinas estabeleceram que a protecção aos “enjeitados” passaria a ser da responsabilidade das autoridades municipais, pelo que se construíram casas de acolhimento em todos os municípios em que não existissem hospitais ou albergarias. Surge assim uma nova consciencialização e uma preocupação em organizar respostas adequadas às situações de numerosas crianças a viver em situações de grande precariedade (Vilaverde, 2000). No decurso dos séculos XVII e XVIII registou-se um abandono generalizado de crianças, que foi reconhecido oficialmente por D. Maria I. Em resposta, através de normativos legais (diplomas de 31 de Janeiro de 1775 e de 5 de Junho de 1800), criaram-se as bases para a organização do acolhimento das crianças em instituições.

Nesta época em que era proibido investigar a identidade de quem praticava o abandono, as crianças eram entregues ao cuidado de amas até aos 7 anos, depois eram encaminhadas para os hospícios (ligados às Misericórdias e Câmaras), onde ficavam sob a alçada dos Juizes dos Órfãos. Por volta dos 12 anos eram oferecidos como criados, pelo menos até à maioridade – aos vinte anos – altura em que terminava a protecção judicial (Vilaverde, 2000).

No século XX, com a implantação da República, as concepções acerca destas problemáticas na infância conhecem mudanças positivas e sucedem-se reformas legais no âmbito do Direito de Menores que constituíram marcos decisivos na evolução das concepções acerca da infância e das práticas de institucionalização (Martins, 2004). No decurso do século XX, salientam-se, em particular: a Constituição da República Portuguesa (1997, quarta revisão constitucional); em 1911, a Lei de Protecção à Infância (de 27 de Maio), em 1962, a Organização Tutelar de Menores (Decreto-Lei n.º 44 228, de 20 de Abril), modificada em 1967 (Decreto-Lei n.º 47 727, de 23 de Maio) e revista em 1978 (Decreto-Lei n.º 314/78, de 27 de Outubro) e em 1999, as Leis de Protecção de Crianças e Jovens em Perigo (Lei n.º 147/99, de 1 de Setembro) e Tutelar Educativa (Lei n.º 166/99, de 14 de Setembro).

A Lei de Protecção à Infância contempla as crianças e jovens vítimas de maus-tratos e autoras de crimes até aos dezasseis anos, considerando-se que são merecedores da intervenção tutelar do Estado, tendo em vista a sua protecção e a prevenção da delinquência. Assim, eram postos em prática procedimentos informais e medidas cujo conteúdo ou duração não estavam relacionados com os factos eventualmente praticados pelos menores, que na prática eram destituídos de relevância jurídica (Proposta de Lei n.º 265/VII, Diário da Assembleia da República, II série A, n.º54, de 17 de Abril de 1999).

Em 1919, o Ministério da Justiça cria um organismo que visa a centralização e coordenação das acções tutelares sobre as crianças – a Inspecção-Geral de Protecção à Infância, que, em 1923, dá lugar à Administração e Inspecção-Geral dos Serviços Jurisdicionais e Tutelares de Menores e, mais tarde, em 1933, à Direcção Geral dos Serviços Jurisdicionais de Menores. A esta entidade é atribuída a coordenação das instituições judiciais privativas da infância, dos estabelecimentos tutelares de

menores e respectivos serviços de assistência social (Ferreira, 1998). A institucionalização passa a constituir uma medida extrema, portanto, de último recurso, uma vez que implica a separação da família e dos cuidadores e a privação da liberdade (Vilaverde, 2000).

Atualmente a designação de crianças e jovens em perigo, constituída como conceito jurídico, em detrimento de crianças e jovens em risco, baseia-se no facto de nem todos os riscos para o desenvolvimento da criança legitimarem a intervenção do Estado e da Sociedade na sua vida e na sua família. São, então, tuteladas por esta lei apenas as situações e circunstâncias que possam pôr em causa a segurança, saúde, formação e educação ou o desenvolvimento da criança ou jovem, cuja protecção, de acordo com o artigo 69.º da Constituição da República Portuguesa, compete ao Estado garantir. O Estado age porque uma criança se encontra em perigo, desprovida do apoio suficiente dos seus progenitores, ou de quem é responsável pela sua protecção, traduzindo um sofrimento inaceitável no presente para a própria criança, mas também porque se prevê um mau prognóstico no que concerne aos futuros desempenhos dessa criança enquanto cidadã.

São abrangidas pela Lei de Promoção e Protecção crianças e jovens considerados em perigo, dos 0 aos 18 anos de idade. Considera-se que uma criança está em *perigo* quando se encontra numa das seguintes situações: Está abandonada ou vive entregue a si própria; Sofre de maus tratos físicos ou psíquicos ou é vítima de abusos sexuais; Não recebe os cuidados e a afeição adequados à sua idade e situação pessoal; É obrigada a actividades ou trabalhos excessivos ou inadequados à sua idade, dignidade e situação pessoal ou prejudiciais à sua formação ou desenvolvimento; Está sujeita, de forma directa ou indirecta, a comportamentos que afectem gravemente a sua segurança ou o seu equilíbrio emocional; Assume comportamentos ou se entrega a actividades ou consumos que afectem gravemente a sua saúde, segurança, formação, educação ou desenvolvimento sem que os pais, o representante legal ou quem tenha a guarda de facto se lhes oponham de modo adequado a remover essa situação. (Lei n.º 147/99 de 1 de Setembro, Lei de Protecção de Crianças e Jovens em Perigo).

Nos termos da LPCJP, a promoção e protecção das crianças compete em primeiro lugar, às entidades públicas ou privadas com atribuições em matéria de

infância e juventude, só depois às Comissões de Protecção de Crianças e Jovens (CPCJ) e, em última instância, aos Tribunais.

1.2. Estudos sobre o impacto da institucionalização

Grande parte da investigação sobre o impacto da institucionalização na vida de crianças e jovens, a nível do seu desenvolvimento e funcionamento, incidiu nas instituições da segunda metade do século XX e nos orfanatos e países de Leste.

É importante referir que estas instituições se caracterizavam por serem altamente deficitárias em três níveis (Groze & Ileana, 1996; Johnson, 2000; Kaler & Freeman, 1994; Rutter, 1981/1972), nomeadamente: (1) nos cuidados de higiene, nutrição e saúde; (2) na estimulação e possibilidades de acção que propiciavam e (3) nas relações interpessoais e de vinculação.

Se as instituições da primeira metade do século XX apresentavam deficiências generalizadas, atualmente, é o terceiro nível que continua a merecer preocupação por parte dos técnicos, ou seja, cada vez mais as relações sociais são um importante fator de risco para as crianças institucionalizadas (Fernández del Valle, 1992).

De seguida serão abordados alguns pontos comuns referenciados pelos referidos estudos. Estes foram consistentes em demonstrar o impacto negativo da institucionalização no desenvolvimento da criança (Gunnar, Bruce & Grotevant, 2000; Maclean, 2003; Vorria et al., 1998a, 1998b, 2003, 2006), nomeadamente nas seguintes áreas:

1.2.1. Funcionamento cognitivo e linguístico

Barbara Tizard et al., 1977; Hodges & Tizard, 1989; Tizard & Joseph, 1970; Tizard & Rees, 1974, confirmaram que os coeficientes intelectuais das crianças institucionalizadas eram ligeiramente inferiores, bem como se verificava um ligeiro atraso na linguagem (Tizard & Joseph, 1970), afirmando que o que diferencia as crianças institucionalizadas das crianças criadas em meio familiar é o facto de os

educadores serem desencorajados a estabelecer relações íntimas com a criança (Tizard & Tizard, 1971).

A variável tempo de institucionalização parece ser uma importante variável explicativa desta persistência do impacto, estando negativamente associada ao coeficiente intelectual da criança.

Neste sentido, Maclean (2003) chama também a atenção para que, “quanto mais velha a criança for adotada, mais difícil se torna superar as dificuldades” (p.860).

1.2.2. Desenvolvimento emocional e psicossocial

As crianças institucionalizadas passaram por experiências precoces adversas e foram separadas dos cuidadores, experienciando assim uma importante perda na sua primeira figura de vinculação e, na instituição, são muitas vezes criadas num ambiente social e emocionalmente pouco estimulante e sem um cuidador principal (Vorria et al., 2006). Os investigadores verificaram dificuldades destas crianças em estabelecer relações seguras, independentemente da qualidade dos cuidados recebidos (Chislom et. al., 1995; Hodges & Tizard, 1989a, 1989b; Provence & Lipton, 1962; Tizard & Hodges, 1978; Tizard & Rees, 1974, 1975; Zeanah, Smyke, Koga, Carlson, & The Bucharest Early Intervention Project Core Group, 2005). Neste sentido, os diversos estudos são consistentes em demonstrar que a percentagem de crianças institucionalizadas com uma vinculação segura é mais baixa que em crianças que não passaram por esta experiência (Chisholm, 1998; Golmbok, 2000; Maclean, 2003; O'Connor et al., 2003; Vorria et al., 2006).

É necessário, no entanto, ter em conta que diversos fatores condicionam a recuperabilidade destes défices, uma vez providenciadas as condições necessárias, nomeadamente (Gunnar, Bruce & Grotevant, 2000):

a) A idade de admissão na instituição

Desde os primeiros trabalhos de Spitz e de Bowlby, a idade da criança foi salientada como uma variável de relevo. Os estudos mais recentes (Browne e col., 2008; Gunnar, Bruce & Grotevant, 2000) confirmaram que a institucionalização precoce é de pior prognóstico do que quando é precedida por um período relativamente estável das crianças em contexto familiar.

b) A duração da institucionalização

Quanto mais prolongada e intensa for a experiência de privação, mais graves são as suas consequências a todos os níveis. Períodos superiores a 6-8 meses estão associados a elevada probabilidade de problemas múltiplos, persistentes e debilitantes (Browne e col., 2008; Gunnar, Bruce & Grotevant, 2000).

2. Perdas, mudanças e medos na institucionalização

Na perspectiva ecológica (Bronfenbrenner, 1979,1989) a transição constitui um fenómeno que ocorre quando se registam mudanças de contexto e ou/papel. Considerando esta permissa, a institucionalização poderá ser concebida enquanto transição ecológica, com repurcursões a nível dos processos desenvolvimentais das crianças e adolescentes que as experienciam. A transição para uma instituição torna mais difícil dar às crianças o que elas precisam, nomeadamente, atenção individualizada e estimulação social e física adequada (Rutter, 1981, cit. in Gunnar & Van Dulmen, 2007).

A investigação mostra que a experiência de contextos desta natureza coloca a criança em risco de desenvolver comportamentos desadaptativos e psicopatológicos (Price & Landsverk, 1998) e tem analisado alguns dos factores responsáveis por tais comportamentos.

2.1. Perdas, mudanças e luto

As crianças e adolescentes institucionalizados parecem constituir uma população vulnerável a problemas do foro físico, emocional, comportamental e

desenvolvimental (Hobbs et al, 1999). Na transição a criança ou adolescente é confrontada com a necessidade de se ajustar à instituição de acolhimento, a uma nova escola, a cultivar as novas relações com o seu grupo de pares, educadores, adultos da instituição e outros adultos (Price & Landsverk, 1998). Um bom ajustamento a estas novas estruturas reforça o impacto da instituição enquanto fator protetor (Hobbs, Hobbs & Wyne, 1999, cit. in Oliveira-Formosinho, Araújo & Sousa, 2001/2002). Contudo as relações afectivas contínuas são as bases primárias mais importantes para o desenvolvimento das capacidades essenciais da criança, intelectuais, sociais e morais (Brazelton, Greenspan, 2002). “Para alguns pode ser com uma avó ou uma tia ou talvez até uma vizinha, mas é preciso que aconteça. Não há meios - termos” (p.32). A personalidade de cada um, o *self*, o núcleo organizador da sua identidade é construído no contexto de relações fundadoras, de relações e interacções com os outros, necessariamente contínuas, duradouras, investidas de significado pessoal para as partes envolvidas e significantes. Ora, o que acontece frequentemente nos percursos destas crianças e jovens é a falta, a perda ou a distorção destas relações organizadoras, não permitindo muitas das vezes as relações interpessoais (Martins, 2005).

Um outro fator reforçador da descontinuidade dos laços afectivos é o facto de, nas instituições, muitas vezes, se constatar a falta de continuidade do pessoal que lá trabalha (Taylor, 2004) o que faz com que as crianças e jovens sintam uma falta de apoio mantido e consistente, podendo isso “servir-lhes para reforçar a ideia pré-existente de que não há ninguém que realmente se interesse” (p.68). A criança, sem referências sólidas, sente-se perdida e desvinculada de si e dos outros, “portanto em risco, intrapessoal, interpessoal e social mais alargado” (Martins, 2005, p.5). Não só a perda é tida como a causadora de distúrbios, mas, principalmente, as consequências e acontecimentos que a precedem e a sucedem (Bowlby, 1995,1993b; Ferreira, 1984; Parkes, 2005; Rutter, 1979, 1985 cit. in Tinoco & Franco,2011). Tão mais desestruturador será para a criança se, além da separação e perda, ela não tiver alguém para assumir o seu cuidado, alguém para a apoiar e para permitir a expressão dos sentimentos e emoções. A passagem pela institucionalização é intensa e difícil para todos os envolvidos: criança, pais, familiares, profissionais. Trata-se de uma

experiência que exigirá um processo de readaptação e recuperação, envolvendo a vivência de um processo de luto pelas mudanças, separações e perdas vividas. Mesmo aquelas crianças que são separadas apenas provisoriamente da sua família, ou aquelas que mantêm um contato constante com esta por meio de visitas, também passam por sentimentos de perda e devem-se também adaptar a ela. Devido à perda daquilo que era conhecido e à necessidade de se ajustar a uma nova situação, a criança passa por uma reestruturação emocional, e isso só acontece quando passa pelo processo de luto. Quando este processo é vivido adequadamente a criança atribui um significado à situação compreendendo-a, forma novos vínculos ou então recupera os vínculos dos quais esteve temporariamente separada, e será capaz de dar continuidade à sua vida de modo satisfatório, saudável e ajustado.

A institucionalização da criança envolve não só o afastamento de sua família e da sua casa, mas o afastamento de tudo o que lhe era conhecido: brinquedos, comidas, aromas, hábitos, contato com vizinhos e comunidade, escola, colegas, lugares conhecidos que frequentava. Trata-se, portanto, de uma experiência de múltiplos rompimentos, que requer a elaboração de numerosos lutos. Por outro lado, também é possível encontrar crianças que aparentemente não reagem às mudanças ocorridas. Isso, segundo Hughes (2004), tem a ver com a dificuldade da criança se ligar às pessoas e à falta de confiança nelas para expressar os seus sentimentos. Bowlby (1993b) destaca que o sucesso de uma nova relação não está vinculado ao esquecimento da relação anterior e, se as duas relações se puderem manter distintas e presentes, maior é a possibilidade de que a nova relação dê certo.

Para ajudar a criança a elaborar a sua história de perda, é essencial o desenvolvimento de um bom vínculo com um adulto (psicoterapeuta, cuidador da instituição, técnico, pais adotivos) e com o ambiente, e, quando isso é alcançado mais fácil se torna a elaboração do luto. Segundo James (1994), a criança institucionalizada só poderá explorar a situação traumática e elaborar o luto quando sentir que está num ambiente seguro e onde não precisa de se preocupar com a sua sobrevivência”.

A experiência de separação, perda e abandono na infância pode contribuir para a existência de distúrbios psicológicos e problemas na infância e idade adulta. “Não só a perda é tida como a causadora de distúrbios, mas, também as consequências e

acontecimentos que a precedem e a sucedem” (Bowlby, 1995, 1993b; Ferreira, 1984; Parkes, 2005; Rutter, 1979, 1985, cit. in Tinoco & Franco, 2011).

2.2. Medos

Segundo Ainsworth (1981) (cit. in Ferreira, Borges & Seixas, 2010, p. 30), a definição de medo remete-nos para” a tomada de consciência de uma determinada ameaça real ou imaginária e que tem repercussões ao nível comportamental (fugir, gritar, chorar), ao nível biológico interno (aceleração da pulsação e do batimento cardíaco) e ao nível biológico externo (tremores, expressões faciais que sugerem susto) ”.

O medo é uma reacção normal e adaptativa do ser humano e como tal os medos variam consoante a idade do sujeito, tendo, por isso, um padrão previsível de aparecimento, manutenção, e desaparecimento. De facto, “os medos alteram-se consoante a idade, género, classe sócio-económica, cultura e sociedade vigentes” (Ferreira, Borges & Seixas, 2010, p.30).

Assim, nos primeiros seis meses de vida os medos mais comuns estão relacionados com a perda de apoio e os ruídos altos. Os bebés assustam-se com estímulos intensos e imprevisíveis. Já no segundo ano de vida, os medos mais visíveis dizem respeito à separação dos pais, ao bacio, ferimentos e pessoas estranhas. A partir do quarto ano de vida, as crianças geralmente temem as máscaras, a escuridão e certos animais. É comum as crianças terem medo de criaturas imaginárias, relâmpagos, separação dos pais e ficar ou dormir sozinhos. Aos seis anos, os seres sobrenaturais (fantasmas, bruxas, monstros) são os que provocam mais medos. Crianças que já entraram na escola apresentam medos comuns como as provas escolares, os resultados escolares, a aparência física e a morte. A ansiedade social e o medo de falhar têm a sua génese no começo da idade escolar (Batista, 1989). “Tendem a temer aspetos mais realistas e auto-avaliativos, como por exemplo, os testes e exames escolares, os ferimentos corporais, a aparência física, trovões e raios e, principalmente, assuntos relacionados com a morte” (Papalia & Olds, 2009, p.321). Estudos internacionais sobre os medos desenvolvimentais têm destacado resultados em relação às diferenças entre género e idade (Sampaio, Martins & Oliveira). Em

relação ao género, as raparigas tendem a ter medos semelhantes aos dos rapazes, porém numa escala mais intensa. Quanto ao fator idade, crianças e adolescentes tendem a demonstrar medos distintos: os jovens atribuem um maior valor à componente social (o medo de errar perante os outros, da crítica social), enquanto as crianças possuem medos mais físicos (cair, queimar-se). Porém, a morte parece ser um medo comum a qualquer género e faixa etária e “constitui um dos dez medos mais comuns” (Sampaio, Martins & Oliveira, s/d, p. 255). As pesquisas demonstram que o número dos medos relatados por crianças desce com a idade (MacFarlane, Allen, & Honzik, 1954), e que o foco do medo muda ao longo do tempo.

Além disso, nos estudos é possível ver que as raparigas têm um maior número de medos e ansiedades que os rapazes (Abe & Masui, 1981; Esaú, Conradt, & Petermann, 1999; La Greca, 2001; Lapouse & Monk, 1958, 1959; Lewinsohn, Gotlib Lewinsohn, Seeley, & Allen, 1998; Mackinaw-Koons & Vasey, 2000 cit. in Albano; Chorpita; Barlow, 2000)

O desenvolvimento da ansiedade e os seus distúrbios são uma função de uma interacção de três disposições. A primeira disposição consiste na hereditariedade. A segunda é descrita como uma vulnerabilidade psicológica generalizada, caracterizada por ser incontrolável e imprevisível. E a terceira e última é uma vulnerabilidade psicológica específica, crescendo no início de experiências que focam a ansiedade em certas circunstâncias de aprendizagem. Este modelo passou a ser chamado de “Tripla-vulnerabilidade” modelo do desenvolvimento da ansiedade (Barlow, 2000, 2002, cit. in Albano; Chorpita; Barlow, 2000). De todas as disposições interessa-nos uma, a vulnerabilidade psicológica generalizada e será essa que iremos abordar de seguida.

Questões relativas ao controlo e a experiências de controlo estão presentes entre as principais teorias da ansiedade (Liga et al, 1990; Barlow, 2002, cit. in Albano; Chorpita; Barlow, 2000), e recentes teorias sugerem que uma história com falta de controlo pode colocar os indivíduos num eventual risco de experienciarem estados emocionais negativos crónicos através de uma vulnerabilidade psicológica generalizada (Barlow, 2000; Chorpita, 2001; Chorpita & Barlow, 1998, cit. in Albano; Chorpita; Barlow, 2000). Chorpita e Barlow (Chorpita, 2001; Chorpita & Barlow, 1998, cit. in Albano; Chorpita; Barlow, 2000) propuseram um modelo que

define o desenvolvimento da ansiedade em relação a variáveis psicológicas relacionadas com o controlo. Este modelo sugere que o estabelecimento de uma sensação de controlo atua como um mediador entre eventos stressantes e a ansiedade durante o desenvolvimento.

Esta relação, evidenciada pelo modelo de Barlow, entre o controlo percebido e o medo e a ansiedade leva a colocar a hipótese de que a institucionalização possa contribuir para um aumento de medo nas crianças. De facto, a transição para a instituição aparece à criança como uma situação nova, desconhecida e imprevisível.

Esta vivência poderá acrescentar-se a outras vivências prévias de ambientes pouco estruturados e, em conjunto, contribuir para uma percepção generalizada de baixo controlo percebido.

Capítulo II

Estudo Empírico

1. Introdução

A literatura mostra que as crianças institucionalizadas carecem de apoio e consequentemente são mais vulneráveis a problemas desenvolvimentais e comportamentais.

O estudo que aqui se apresenta assume como objetivo primordial entender a relação que poderá existir entre a institucionalização e as perdas decorrentes dela e os medos que as crianças e jovens podem apresentar. Para além disso, o estudo tem como objetivo perceber de que maneira o tempo de institucionalização, o sexo e a idade da criança podem estar relacionados com as variáveis atrás referidas. Alguns estudos (Browne e col., 2008; Gunnar, Bruce & Grotevant, 2000) mostram que a institucionalização precoce é de pior prognóstico do que quando esta é precedida por um período relativamente estável em contexto familiar.

2. Método

2.1. Objetivos

Como anteriormente referido, o objectivo geral era perceber de que maneira os medos das crianças institucionalizadas estão relacionados com as perdas e mudanças que aconteceram após a institucionalização.

Definiram-se os seguintes objetivos específicos de investigação:

- a) Descrever e analisar a vivência institucional das crianças, em particular no que se refere às perdas e mudanças decorrentes da institucionalização.
- b) Avaliar os principais medos nas crianças.
- c) Analisar as relações entre os medos e as perdas decorrentes da institucionalização.
- d) Analisar diferenças nas perdas, lembranças e medos em função de variáveis individuais e contextuais:

I. Idade;

- II. Género;
- III. Tempo de institucionalização.

2.2. Participantes

A amostra utilizada neste estudo foi selecionada tendo por base um método não probabilístico de amostragem por conveniência. Este estudo foi realizado com uma amostra de 15 sujeitos, provenientes de três instituições situadas na cidade do Porto.

Para a participação no estudo, foram utilizados os seguintes critérios:

- Crianças entre os 5 e os 11 anos residentes em instituições;
- Autorização dos responsáveis das instituições para participação no estudo.

Quadro 1.

<i>Distribuição das idades</i>	
Idade	N
5	1
6	3
7	5
8	3
9	1
10	1
11	1
Total	15

Como se pode verificar no Quadro 1, a idade dos participantes neste estudo encontra-se entre os 5 e os 11 anos. Como se pode identificar no Quadro 1, a maior parte dos participantes tem 7 anos de idade.

Quadro 2.

Distribuição do género

	Frequência	%
Masculino	8	53,3
Feminino	7	46,7
Total	15	100,0

A distribuição do género das crianças participantes no estudo encontra-se representada no Quadro 2, a maior parte dos participantes é do género Masculino ($n=8$).

2.3. Instrumentos

Foram utilizados quatro instrumentos para a recolha de dados, um foi de aplicação ao técnico da instituição e três à própria criança. O instrumento aplicado aos técnicos procurara obter a descrição da situação de cada criança, quer quanto à sua história, quer quanto ao funcionamento e adaptação actual na instituição. Mais especificamente, os instrumentos utilizados foram os seguintes:

- a) Ficha de Dados de identificação (Cf. Anexo A), a fim de obter informação sociodemográfica relativa aos participantes, aplicada como entrevista para recolher os dados junto do técnico de cada instituição apontado como o mais familiarizado com cada criança. Inclui informações pessoais, familiares, e informações relativas à institucionalização.
 - b) Entrevista semiestruturada para as crianças (Cf. Anexo B), trata-se de uma entrevista construída para obter informações relativamente a alguns pontos pertinentes para o estudo, são eles: A sua vinda para a instituição e as suas rotinas; Compreensão da criança sobre a institucionalização; O que mudou desde que a criança vive na instituição e quais as lembranças que tem da vida anterior.
- Para este estudo utilizamos apenas algumas questões para fazer a análise qualitativa, nomeadamente, a questão 4; 9; 13; 14; 17; 19; 21; 24; 25. As questões 2; 8; 20 e 22 serviram para fazer a análise quantitativa com base nas respostas das

crianças. De ressaltar que as respostas das crianças às questões não referidas aqui serviram como um “quebra-gelo” e serviram também para introduzir a criança em temas mais profundos e difíceis.

- c) Questionário de medos específicos (cf. Anexo D) construído para abordar medos mais específicos que se enquadram com o estudo em questão, a saber: “Medo de ser abandonado”; “Medo de ficar sozinho na instituição”; “Medo dos meus pais se esquecerem de mim”, etc.
- d) Fear survey schedule for children-revised (Cf. Anexo E) questionário revisto de medos para crianças, usado com o objetivo de explorar os medos de cada criança e perceber se os medos referidos se encontram dentro dos medos normativos para cada idade.

2.4. Procedimento

Os sujeitos da amostra foram seleccionados em três instituições do distrito do Porto. A preparação da recolha dos dados consistiu no estabelecimento de contactos telefónicos com as instituições, tendo em vista formular um primeiro pedido de participação e agendar uma reunião com o responsável da instituição.

Nessa reunião procedia-se à apresentação da equipa de investigadores e do enquadramento do estudo, tendo sido expostos os seus objectivos e os procedimentos a adotar com as crianças participantes do estudo e com os técnicos.

Uma vez consentida a participação, deu-se lugar à assinatura da Declaração de Consentimento Informado (Cf. Anexo C). Seguiu-se a seleção e identificação das crianças participantes, com base na verificação dos critérios, já referidos anteriormente, para a participação no estudo, bem como do técnico que seria o respondente para cada criança, de acordo com aquele considerado como o mais familiarizado com a criança e o seu processo.

Feitas as diligências iniciais foram agendadas as datas mais convenientes, tendo por base a disponibilidade das crianças e das instituições, para os momentos de recolha de dados.

Consoante a disponibilidade dos técnicos responsáveis, posteriormente ao contato individual com a criança, foi efectuado o preenchimento da Ficha de identificação e do Percurso de Vida de cada criança pertencente ao estudo.

A recolha de dados com a criança realizou-se em dois momentos diferentes, agendados com cerca de uma semana de intervalo. No primeiro momento eram apresentados os investigadores e visava-se a criação de uma relação empática com a criança, onde se procedia ao conhecimento informal da criança e, através de jogos se estabelecia uma relação de cumplicidade e segurança com a criança. Após este momento inicial dava-se início à entrevista semiestruturada. O segundo encontro era dedicado aos questionários dos medos, o questionário construído de raiz que incidia sobre medos específicos e o questionário *Fear survey schedule for children-revised*.

Na fase inicial da entrevista realizavam-se alguns *jogos de aquecimento* que serviam como quebra-gelo e como estabelecimento de uma relação com a criança: dependendo da idade, por exemplo com os mais novos, eram feitos jogos com balões, em que tínhamos que o manter no ar ou as crianças faziam um desenho à sua escolha. Já com as crianças mais crescidas tínhamos um momento de conversa informal em que nos íamos conhecer melhor através de questões triviais (e.g. “Qual o teu clube de futebol?”) com vista a iniciar de um modo descontraído o processo auto-revelação; Uma vez estabelecida a relação com a criança era dado o mote para o início da entrevista propriamente dita.

Começava-se por explicar à criança o objetivo do encontro, solicitando a sua colaboração na entrevista, que tinha como objetivo conhecê-la melhor, dando-lhe ao mesmo tempo e, desde o início, todas as garantias de confidencialidade face as informações partilhadas por ela e assegurando-lhe a possibilidade de, a qualquer momento, interromper voluntariamente a sua participação. Ainda nesta fase era explicitada à criança a necessidade de utilizar um gravador para concluir o trabalho, sendo esta familiarizada com o mesmo através da sua exploração lúdica.

A entrevista terminava, agradecendo à criança a sua participação.

Na semana seguinte completava-se a recolha junto da criança, aplicando o questionário de medos e o questionário de medos específicos.

No fim eram feitos os agradecimentos pela disponibilidade e colaboração da instituição assegurando, da nossa parte disponibilidade para futuros contactos.

3. Análise dos resultados

3.1. A Análise de conteúdo

Segundo Bardin (1988), a análise de conteúdo não é um instrumento, mas sim “um conjunto de técnicas amplamente utilizadas no domínio da investigação empírica em ciências sociais”. A sua variedade de aplicação permite que seja utilizada sob diferentes formas com uma aplicação muito vasta, avançando que qualquer comunicação poderá ser decifrada pelas técnicas de análise de conteúdo. Segundo esta autora, uma análise de conteúdo centra-se numa dupla via: compreender o sentido de uma comunicação, mas principalmente desviar o olhar para uma outra mensagem. A análise foca-se em realçar um sentido que não se encontra explícito no imediato, interpretando o texto sob a base do objeto de investigação.

De forma a introduzir rigor e precisão, é necessário dominar determinadas técnicas e percorrer um caminho “misto”, de uma análise qualitativa para uma análise estatística, quantitativa. Sendo um procedimento pragmático e rigoroso, denota-se a necessidade de explicitar a organização e algumas das opções metodológicas utilizadas no presente estudo. Sucintamente, Bardin (1988) afirma que a análise de conteúdo poderá ser organizada em três distintas etapas, em torno de três pólos cronológicos, sendo eles: a pré-análise; a exploração do material; e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

A pré-análise caracteriza-se por um momento de sistematização das ideias, mais intuitivo, em que se poderá realizar uma leitura flutuante e podem ser tomadas algumas decisões metodológicas, como a escolha dos documentos, o estabelecimento das hipóteses, etc. Ela compreende essencialmente o primeiro contacto com o material e a preparação das etapas seguintes.

A exploração do material é tida como a fase mais morosa da análise, sendo o momento de administração das decisões metodológicas tidas anteriormente e no decurso da qual será realizada a codificação. A codificação corresponde a uma transformação do objeto em análise, que obedece a um conjunto de regras precisas. Segundo Bardin (1988), o processo de codificação deverá envolver três escolhas: i) o recorte, que consiste na escolha das unidades; ii) a enumeração, que passa pela escolha das regras de contagem; iii) a classificação, que corresponde à escolha das categorias. O recorte consiste na escolha de unidades de texto isoladas e com significado, as unidades de registo. Estas correspondem ao segmento de conteúdo, de natureza e dimensão variável, a ser considerado enquanto unidade de base, visando a sua categorização e posterior contagem da frequência.

A operação de classificação das unidades de registo é realizada a partir do reagrupamento das unidades de registo previamente isoladas. Este processo envolverá duas etapas distintas que passam pelo inventário, onde se isolam as unidades de registo, e a classificação, em que se distribuem as unidades de registo pelas categorias. Esta categorização terá como objetivo fornecer uma representação simplificada dos dados (Bardin, 1988).

Para Bardin (1988), a unidade de registo pode-se assumir a partir de uma palavra, frase ou tema. O tema é na generalidade a unidade de registo utilizada em grande parte das investigações, mais propenso ao estudo das motivações, atitudes e crenças, etc.

Por último, o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação, que se centra numa etapa de tratamento dos resultados. É assim criado um certo sentido de convergência metodológica, com vista a serem evidenciados e sistematizados de uma forma quantitativa a frequência e as relações dos dados analisados qualitativamente.

3.1.1. O processo de categorização

A análise de conteúdo foi utilizada enquanto técnica de análise de dados qualitativos da entrevista às crianças. O processo aqui descrito é não só a descrição da análise dos dados, mas em grande parte constitui também um resultado central do presente estudo. O estudo utilizou assim uma técnica mista de análise de conteúdo,

que oscila entre uma abordagem dedutiva e indutiva. Trata-se, pois, de um estudo que utiliza métodos mistos de investigação, qualitativos e quantitativos, em função da sua adequação aos vários objetivos.

3.1.2. Resultados do sistema de categorização

No Quadro 3 estão vários tipos de temáticas, escolhidas com base nas respostas das crianças às perguntas selecionadas para esta análise, já referidas anteriormente. Estes exemplos são uma aproximação ao que poderiam ser subcategorias, uma vez que estão incluídas todas as temáticas diferentes que foram referidas pelas crianças.

Quadro 3.
Sistema de categorização

	Categoria	Exemplos
Passatempos preferidos (Questão 4)	Brincadeiras variadas – Individuais	“Gosto de brincar com a playstation” “Andar de bicicleta”
	Brincadeiras variadas - Coletivas	“Gosto de jogar futebol” “Jogar cartas” “Jogar às apanhadinhas”
Recordação habitação anterior (Questão 9)	Casa dos familiares	“Estava em casa”
	Outra instituição/Centro de acolhimento	“Estava noutra instituição”
Significado da instituição para a criança (Questão 13)	Significado positivo	“É uma casa verdadeira” “É bom”
	Não sei/resposta circular/Incompreensível	“É uma casa de animação” “Não sei”
Utilidade da instituição na opinião da criança (Questão 14)	Cuidados gerais das crianças	“Porque os meninos estão doentes” “Para cuidar dos meninos” “Para tomar banho e para dormir e para brincar”
	Alternativa à falta de cuidado por parte dos pais	“Porque os pais não têm condições para ficar com eles”

Percepção pessoal sobre o que é viver numa instituição (Questão 17)	Possibilita o bem-estar	“Agora posso brincar”. “Que é fixe”. “É divertido”
	Proteção e cuidado	“ ... nós podemos dormir, tomar banho, lavar os dentes ... “
Percepção do que mudou e de como era a vida antes da institucionalização e como é agora (Questão 19)	Sentimentos gerais de bem-estar e afeto	“ Os pais não tratavam de mim, de tomar banho, não podia brincar. Agora tenho outros pais e é fixe”. “Era linda. Tinha os meus amigos e irmãos. Agora é tudo bem”. “Mudou tudo, está tudo ao contrário”. “Era divertida e não gostei muito da mudança”.
	Sentimentos gerais negativos e de tristeza	“Era boa. Tinha tudo que quisesse. A minha mãe separou-se do meu pai”. “Melhor que agora. Mudou quase tudo. Não gosto”.
Consciência/percepção do que está diferente em relação à família (Questão 21)	Identificação das diferenças	“Porque já não posso estar com os meus primos”. “Já não como a mesma comida de lá”. “A minha vida. Mudaram os meus pais e mudei eu”. “Não sei”
	Não sei/Resposta circular/Incompreensível	

As brincadeiras preferidas das crianças, segundo aquilo que nos foram dito, são maioritariamente brincadeiras em que possam estar com os amigos e possam divertir-se com eles, daí serem mais referidas brincadeiras colectivas, tais como brincar à apanhada ou futebol, do que as individuais. São crianças que referem grande parte das vezes um ou mais nomes de amigos com os quais gostam de estar e brincar.

No que se refere à recordação da habitação anterior, ou seja, qual a habitação onde estavam antes de virem para a instituição há dois tipos de resposta, ou estavam em casa de familiares ou então noutras instituições. É ainda de ressaltar que muitas das crianças entrevistadas faziam questão de referir que ainda moravam em casa dos familiares (pais, avós...) nunca afirmando que moravam na instituição, mesmo estando lá há bastante tempo. Isto leva-nos a crer que para essas crianças a verdadeira casa delas, mesmo que seja só ao fim de semana ou ainda mais esporadicamente, é a casa dos familiares e não a instituição.

Nenhuma das crianças entrevistadas atribuiu qualquer significado negativo à instituição. Algumas afirmaram não saber o que significava aquela instituição/casa para elas, enquanto outras asseguraram que era fixe e que viam na instituição uma casa verdadeira onde podiam brincar. Quando questionadas sobre a utilidade da instituição na vida das crianças em geral as respostas foram muito de encontro a aspetos de bem-estar, protecção e cuidado. Aspetos esses que as crianças viram satisfeitos apenas na instituição, uma vez que os pais não os podiam assegurar. É exemplo disso respostas como “ Para cuidar dos meninos”, “Para tomar banho e dormir”, “É divertido”.

Outra das questões de bastante interesse e relevância neste estudo passou por perceber que percepção tinham as crianças sobre as mudanças ocorridas após a institucionalização, esta questão serviu como uma narrativa espontânea, onde apenas lhes era perguntado o que elas achavam que tinha mudado deste que estavam na instituição, e como era antes a vida delas e agora. As respostas surpreenderam na medida em que das 15 crianças entrevistadas todas revelaram algum tipo de sentimento, fosse ele positivo ou negativo. Para algumas a mudança foi uma coisa positiva e a vida delas agora é pautada por episódios felizes e vêm as suas necessidades básicas asseguradas “Os pais não tratavam de mim, de tomar banho, não podia brincar. Agora tenho outros pais e é fixe”. No lado oposto destes sentimentos positivos foram dadas respostas que claramente mostravam a tristeza e revolta das crianças por estarem longe dos pais “Mudou tudo, está tudo ao contrário” e onde revelam claramente preferir a sua vida antes do que agora “Melhor que agora. Mudou quase tudo. Não gosto”.

Tendo a percepção de que em relação à família mudou muita coisa, principalmente já não poder estar com a mesma, perguntamos às crianças que estratégias usavam quando se lembravam dos familiares, grande parte das crianças afirmou não saber ou que simplesmente não fazia nada. Por outro lado alguns referiram que se lembravam de coisas boas, inclusive de palavras que os pais lhes diziam quando os visitavam.

A última questão utilizada nesta análise consistiu em saber em que as crianças se lembravam quando questionadas sobre o seu passado. Mais uma vez foi possível

agrupar as respostas em afetos positivos e negativos. Algumas crianças referiram-se ao seu passado como sendo uma época feliz e do qual guardavam lembranças positivas, tais como “Lembro-me de brincar e fazer jogos”.

3.2. Caraterização dos medos

O presente trabalho analisou, como parte integrante da investigação, os medos das crianças. Para isso foram utilizados os instrumentos descritos no método e a análise foi feita recorrendo ao programa SPSS. Dos medos que serão descritos e analisados de seguida, estão presentes os medos gerais, pertencentes ao questionário de medos e medos mais específicos, criados especialmente para esta população e que se revelaram de grande interesse e adequados, uma vez que de uma forma geral todas as crianças se reviam nesses mesmos medos.

3.2.1. Caracterização dos medos gerais

Foi feita uma análise descritiva para perceber quais os medos mais referidos e menos referidos pelas crianças (Quadros 4 e 5).

Quadro 4.

Mínimos, Máximos, Médias e Desvios-Padrão dos Medos Gerais mais referidos

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
36- "Estar no meio de uma multidão"	15	0	2	1,13	,92
26- "Um ladrão entrar na nossa casa"	15	0	2	1,13	,99
39- "Gatos"	15	0	2	,33	,72
12- "Falar ao telefone"	15	0	2	,33	,72
16- "Andar de comboio"	15	0	2	,14	,54

Os medos mais referidos são o medo de “Estar no meio de um multidão” e “Um ladrão entrar em nossa casa”. Os medos com a pontuação mais baixa dizem respeito a “Gatos”, “Falar ao telefone” e “Andar de comboio”.

Em anexo (Cf. Anexo G) encontra-se a tabela com os dados para os oitenta medos do questionário.

Quadro 5

Mínimos, Máximos, e Desvios- padrão das subescalas dos medos gerais

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Fator 2 - "Medo do perigo, morte e ferimentos"	15	0	48	21,07	16,82
Fator 1 - "Medo do falhanço e da crítica"	15	0	34	14,60	12,47
Fator 3 - "Medo do desconhecido"	15	0	44	13,80	12,58
Fator 4 - "Medo de animais"	15	0	19	7,80	6,83
Fator 5 - "Medos relacionados com atos médicos"	15	0	10	3,33	3,50

Como se pode verificar no Quadro 5 o fator que obteve valores mais elevados foi “Medo do perigo, morte e ferimentos”, e de seguida o “Medo do falhanço e da crítica”. Por outro lado, o fator com uma média inferior a todos os outros foi o “Medo relacionado com atos médicos”.

3.2.2. Caraterização dos medos específicos

Para perceber de que maneira os medos específicos foram sendo respondidos foi feita uma primeira análise da frequência de respostas em cada um dos três pontos da escala: “Nenhum” “Algum” ou “Muito” (Quadro 6).

Quadro 6
Frequências de respostas Medos específicos

	N	Nenhum	Algum	Muito
1- "Medo de ser rejeitado"	14	8	1	5
2- "Medo de nunca ter uma família"	14	5	3	6
3- "Medo de nunca ninguém gostar de mim"	14	7	1	6
4- "Medo de nunca mais ver a minha mãe/pai"	14	3	3	8
5- "Medo de ter de voltar para a casa de onde saí"	14	6	2	6
6- "Medo dos meus pais se esquecerem de mim"	14	6	3	5
7- "Medo de me portar mal"	14	6	2	6
8- "Medo de ser abandonado"	14	7	1	6
9- "Medo dos adultos me tratarem mal"	14	6	2	6
10- "Medo de ficar na instituição/centro para sempre"	14	6	2	6
11- "Medo dos meus amigos irem todos embora e eu ficar aqui"	14	6	1	7
12- "Medo de ser adotado"	14	6	1	7

Um primeiro resultado interessante relaciona-se com o próprio instrumento.

A selecção dos medos específicos que integram este questionário parece ter sido bastante adequada, pois as crianças em geral revêm-se em todos eles e os dados seguintes mostram esta mesma evidência. Por outro lado verifica-se que as crianças tendem a classificar os seus medos nos níveis extremos (Nenhum ou Muito). Contudo há medos que são referidos por cerca de metade das crianças (7 e 8 crianças) como inexistentes (Nenhum), tais como: “Medo de ser rejeitado”, “Medo de nunca ninguém gostar de mim” e “Medo de ser abandonado”. Há também medos que são referidos por cerca de metade das crianças como muito fortes “Medo de nunca mais ver a minha mãe/pai”, “Medo dos meus amigos irem todos embora e eu ficar aqui” e “Medo de ser adotado”.

Quadro 7.

Mínimos. Máximos, Médias e Desvios- Padrão relativos aos medos específicos

Respostas em relação aos medos (n=14)	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
4- "Medo de nunca mais ver a minha mãe/pai"	0	2	1,36	,84
11- "Medo dos meus amigos irem todos embora e eu ficar aqui"	0	2	1,07	,10
12- "Medo de ser adotado"	0	2	1,07	,10
2- "Medo de nunca ter uma família"	0	2	1,07	,92
10- "Medo de ficar na instituição/centro para sempre"	0	2	1,00	,96
5- "Medo de ter que voltar para a casa de onde saí"	0	2	1,00	,96
9- "Medo dos adultos me tratarem mal"	0	2	1,00	,96
7- "Medo de me portar mal"	0	2	1,00	,96
3- "Medo de ninguém gostar de mim"	0	2	,93	,10
8- "Medo de ser abandonado"	0	2	,93	,10
6- "Medo dos meus pais se esquecerem de mim"	0	2	,93	,92
1- "Medo de ser rejeitado"	0	2	,79	,98

No Quadro 7 podemos ver claramente que o maior medo das crianças é o de “Nunca mais ver a minha mãe/pai”. Outros que se seguem estão dentro da mesma temática, ou seja, o medo de ficarem sozinhos, seja sem os amigos ou sem uma família. No outro extremo vemos que o medo menos referido foi o medo de “Ser rejeitado”.

3.3. Caraterização das perdas

A análise das perdas foi feita com base em questões que faziam parte do questionário. As questões são apresentadas nos Quadros seguintes, bem como na entrevista feita às crianças (cf. Anexo B).

Quadro 8.

Frequência de respostas em relação às perdas

Respostas em relação às perdas N=14)	Nunca	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
20.1- "Dos meus pais"	1	2	3	8
20.2- "Da minha família"	3	0	7	4
20.3- "Dos meus vizinhos"	9	1	2	2
20.4- "De brincar com os meus amigos"	5	1	1	7
20.5- - "De saber o que se passa em minha casa"	5	0	2	7
20.6- "De conversar e estar com os meus pais"	1	2	0	11
20.7- "De segurança"	6	0	0	8
20.8- "De amor e carinho"	2	0	2	10

É possível ver no Quadro 8 que as perguntas que mais vezes têm "Sempre" como resposta das crianças são aquelas que estão relacionadas com a falta/perda dos pais e de estar com eles, com oito e onze respostas respetivamente. Bem como a falta de segurança. A resposta mais contabilizada com sempre foi a falta de "Amor e carinho".

Por outro lado, as mais respondidas com "Nunca" são a falta dos vizinhos ($n=9$).

Também aqui é notória a preferência das crianças por se concentrarem nos extremos, ou seja, respondem maioritariamente das vezes "Nunca" ou "Sempre".

O Quadro 9 apresenta as médias das perdas, organizadas da mais referida para a menos referida.

Quadro 9.

Descrição Mínimos, Máximos, Médias e Desvios-Padrão em relação às perdas

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
20.6- "De que é que sentes falta? - De conversar e estar com os meus pais"	14	1	4	3,50	1,02
20.8- "De que é que sentes falta? - De amor e carinho"	14	1	4	3,43	1,10
20.1- "De que é que sentes falta? - Dos meus pais"	14	1	4	3,29	,99
20.2- "De que é que sentes falta? - Da minha família"	14	1	4	2,86	1,10
20.5- "De que é que sentes falta? - De saber o que se passa em minha casa"	14	1	4	2,79	1,42
20.7- "De que é que sentes falta? - De segurança"	14	1	4	2,71	1,54
20.4- "De que é que sentes falta? - De brincar com os meus amigos"	14	1	4	2,71	1,44
20.3- "De que é que sentes falta? - Dos meus vizinhos"	14	1	4	1,79	1,19

Quando questionadas sobre o que mais sentiam falta, grande parte das crianças referiu sentir falta de “Conversar e estar com os pais” e de “Amor e carinho”. Por outro lado, os vizinhos são aqueles que menos atenção têm das crianças, não revelando no geral sentirem uma grande falta deles.

3.4. Caraterização das lembranças

Tal como as perdas também as lembranças foram analisadas com base nas respostas das crianças a questões feitas através da entrevista. As perguntas relacionadas com as lembranças tinham como objetivo perceber de quem as crianças se lembravam mais.

Foi feita uma análise de frequências para perceber com que frequência o tipo de resposta “Nunca” “Às vezes” “Muitas vezes” ou “Sempre” eram dadas para cada questão relacionada com as lembranças.

Quadro 10.

Frequências das respostas em relação às lembranças

	N	Nunca	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
22.1- Mãe	14	2	1	3	8
22.2- Pai	14	2	0	6	6
22.3- Irmãos	14	2	0	4	8
22.4- Avós	14	4	5	0	5
22.5- Amigos	14	4	1	2	7
22.6- Família Alargada	14	4	2	2	6

Na maioria das vezes as crianças respondem que se lembram “Sempre” das pessoas referidas. Respondem essencialmente que ou se lembram “Sempre” das pessoas em questão ou “Nunca”.

Quadro 11.

Mínimos, Máximos, Médias e Desvios- Padrão relativos às lembranças

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
22.3- Irmãos	14	1	5	4,14	1,41
22.1- Mãe	14	1	5	4,07	1,44
22.2 - Pai	14	1	5	4,00	1,36
22.6 - Família Alargada	14	1	5	3,64	1,45
22.5- Amigos	14	1	5	3,50	1,83
22.4 - Avós	14	1	5	2,79	1,76

No que respeita às lembranças das crianças, e com base na análise do Quadro 11 foi notório que estas se prendem muito com a lembrança dos irmãos. As figuras de que as crianças menos vezes se lembram são a dos avós.

3.5. Comparação entre grupos

Para a comparação de diferenças entre grupos (sexo, idades e tempo de institucionalização) foram utilizados testes não paramétricos. Para aqueles com apenas dois grupos foi usado o teste de *Man-Whitney* (sexo e tempo de

institucionalização), para a variável idade, e como tinha mais que dois grupos, foi utilizado o teste de *Kruskal-Wallis*.

Relativamente aos resultados referentes aos medos gerais e aos medos específicos não foram encontradas diferenças de sexo estatisticamente significativas.

Relativamente às lembranças das crianças verificou-se uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos de 5-6 e 7-8 anos, sendo que estes últimos apresentam um valor superior para a lembrança dos “amigos ($p=.031$)”.

Verifica-se também uma tendência no mesmo sentido e entre os mesmos dois grupos relativamente a lembrança de “irmãos”, ainda que não atinja o limiar da significância ($p=.077$).

Não existem diferenças de sexo significativas relativamente às lembranças. No entanto podemos notar uma propensão para serem os rapazes a relatar em maioria a lembrança “dos amigos” em comparação com as raparigas ($p=.053$).

3.6. Correlações entre as variáveis

O procedimento estatístico de correlação determina o grau de associação entre variáveis. Permite averiguar se há algum tipo de relação entre as variáveis seleccionadas. Foi utilizado o coeficiente de Spearman para testar as associações entre as variáveis “Medos específicos” “Medos gerais” “Lembranças” e “Perdas”, uma vez que o tamanho da amostra é pequeno ($n=14$).

Quadro 12.
Correlações entre medos específicos e medos gerais

Medos específicos	Fatores				
	1-Medo do alhanço e da crítica	2-Medo do perigo, morte e ferimentos	3-Medo do desconhecido	4-Medo de animais	5-Medos relacionados com atos médicos
1-“Medo de ser rejeitado”	.882**	.760**	.880**	.639*	.824**
2- “Medo de nunca ter uma família”	.618*	.347	.521	.160	.341
3- “Medo de ninguém gostar de mim”	.879**	.842**	.887**	.743**	.888**
4- “Medo de nunca mais ver a minha mãe/pai”	.423	.731**	.619*	.697**	.535*
5- “Medo de ter que voltar para a casa de onde saí”	.365	.527	.547*	.414	.373
6-“Medo dos meus pais se esquecerem de mim”	.445	.442	.359	.371	.413
7-“Medo de me portar mal”	.827**	.806**	.796**	.780**	.815**
8-“Medo de ser abandonado”	.731**	.805**	.739**	.651*	.604*
9-“Medo dos adultos me tratarem mal”	.904**	.729**	.834**	.530	.619**
10-“Medo de ficar na instituição/centro para sempre”	.519	.633*	.738**	.433	.324
11- “Medo dos meus amigos irem todos embora e eu ficar aqui”	.267	.447	.543*	.335	.285
12- “Medo de ser adotado”	.439	.690**	.691**	.573*	.507

** $p < .01$; * $p < .05$.

Como se pode verificar no Quadro 12 existem correlações bastante fortes entre determinados medos específicos com gerais.

Os medos específicos “ser rejeitado”, “ninguém gostar de mim” e “Ser abandonado” apresentam correlações bastante fortes com todos os tipos de medos gerais.

O “Medo dos meus pais se esquecerem de mim” não está significativamente relacionado com nenhum medo geral em especial.

O medo de nunca ter uma família está especificamente relacionado com o medo geral do “Falhanço e da crítica”, o “Medo de ter que voltar para a casa de onde saí” está, de maneira interessante, correlacionado com o “Medo do desconhecido” $p=.547$, apesar de não ser uma correlação tão forte como muitas outras presentes no Quadro 12 é uma análise que se considera importante, tendo em conta o estudo.

Outra constatação interessante, feita através do Quadro prende-se com o “Medo de me portar mal” com o “Medo do falhanço e da crítica” $p=.827$, onde se verifica uma correlação também bastante forte.

O “Medo de ser abandonado” está igualmente correlacionado com o “Medo do perigo, morte e ferimentos” $p=.805$.

Noutro medo, nomeadamente “Medo dos adultos me tratarem mal” observa-se uma correlação forte com o “Medo do falhanço e da crítica” $p=.904$.

Um dos medos bastantes vezes referido pelas crianças “Medo de ficar na instituição para sempre” está, uma vez mais, de uma maneira muito interessante, correlacionado com o “Medo do desconhecido” $p=.738$.

Por fim, o “Medo de ser adotado” que após análise está igualmente correlacionado com o “Medo do desconhecido” $p=.691$.

É assim possível ver que o “Medo do desconhecido” está muitas vezes fortemente correlacionado com a maior parte dos medos específicos.

No que diz respeito à relação dos medos específicos com as perdas também foram encontradas correlações positivas (Quadro 13).

Quadro 13.
Correlação entre medos específicos e perdas

	Perdas							
	Pais	Família	vizinhos	Amigos	Saber o que se passa em casa	Conversar com os pais	Segurança	Amor e carinho
Medos específicos								
1- Ser rejeitado	.414	.373	.168	.687**	.323	-.096	.049	.422
2- Nunca ter uma família	.444	.091	.201	.415	.339	.037	.000	.397
3- Ninguém gostar de mim	.206	-.482	.127	.594*	.164	-.029	.048	.490
4- Nunca mais ver a minha mãe/pai	-.191	.023	.232	.251	.121	-.038	.279	.492
5- Ter que voltar para a casa de onde saí	.141	.021	.068	.200	.060	-.261	.459	.375
6- Os meus pais se esquecerem de mim	.000	-.285	.013	.492	-.039	-.224	.000	.222
7- Me portar mal	.141	-.147	.371	.703**	.362	.005	.276	.553
8- Ser abandonado	.206	-.219	.127	.594*	.164	-.029	.048	.490
9- Os adultos me tratarem mal	.424	-.147	-.039	.703**	.362	.005	.276	.553
10- Ficar na instituição/centro para sempre	.424	.126	-.039	.332	.362	.005	.276	.553
11- Os meus amigos irem todos embora e eu ficar aqui	.295	.107	.294	.024	.249	.034	.000	.566*
12- Ser adotado	-.049	-.261	.012	.035	-.036	.034	.000	.363

** $p < .01$; * $p < .05$.

A perda dos amigos é a variável mais vezes correlacionada significativamente com os medos específicos.

Observamos cinco correlações significativas entre medos específicos e a perda dos amigos. As correlações mais fortes observam-se entre o “Medo de ser rejeitado” e

a perda dos amigos. A perda “Dos amigos” está igualmente correlacionada com o “Medo de ninguém gostar de mim” “Medo de me portar mal” “Ser abandonado” e “Medo dos adultos me tratarem mal”. O medo de “ Os meus amigos irem todos embora e eu ficar aqui” está também ele correlacionado com a perda de “Amor e carinho” $p=.566$.

De igual forma foi feita uma análise de correlação entre as perdas e as lembranças (Quadro 14).

Quadro 14

Correlações entre perdas e lembranças

	Lembranças					
	Mãe	Pai	Irmãos	Avós	Amigos	Família alargada
Perdas						
Pais	.245	.219	-.165	.425	.084	.420
Família	.337	.546*	.073	.249	.352	.506
Vizinhos	.397	.397	.381	.490	.282	.544*
Brincar com os amigos	.422	.220	.504	.301	.420	.616
Saber o que se passa em casa	.676**	.598**	.260	.562*	.265	.708**
Conversar e estar com os pais	.468	.280	.103	.091	.229	.124
Segurança	.220	.546*	-.121	.095	.078	.282
Amor e carinho	.850**	.722**	.149	.451	.036	.736

** $p<.01$; * $p<.05$.

As correlações mais significativas verificam-se entre a perda “Saber o que se passa em minha casa” e a lembrança da mãe $p=.676$ e do pai $p=.598$.

De igual forma encontramos uma correlação fortemente positiva entre a perda de “Amor e carinho” e a lembrança da mãe e do pai $p=.850$; $p=.722$ respetivamente.

O mesmo método foi usado para analisar as correlações entre perdas e medos gerais.

Tais resultados podem ser vistos no Quadro 15, que se encontra de seguida.

Quadro 15.

Correlações entre perdas e fatores

	Fatores				
	1-Medo do falhanço e da crítica	2-Medo do perigo, morte e ferimentos	3-Medo do desconhecido	4-Medo de animais	5-Medos relacionados com atos médicos
Perdas					
Pais	.113	-.042	.252	-.002	.009
Família	-.305	-.444	-.323	-.392	-.449
Vizinhos	.034	.188	.068	.416	.335
Brincar com os amigos	.612*	.401	.418	.492	.608*
Saber o que se passa em casa	.155	-.007	.193	.087	.100
Conversar e estar com os pais	-.277	-.233	-.218	-.049	-.236
Segurança	.180	.072	.215	.090	.110
Amor e carinho	.366	.338	.421	.412	.374

** $p < .01$; * $p < .05$.

O Quadro 15 apenas revela correlações significativas entre a perda de “Brincar com os amigos” e o “Medo do falhanço e da crítica” $p = .612$ e os “Medos relacionados com atos médicos” $p = .608$.

4. Discussão dos resultados

Apresentados que estão os principais resultados obtidos, é chegado o momento de lhes conferir inteligibilidade, ou seja, de construir para eles a discussão e as principais conclusões retiradas dos dados, procurando responder às principais questões de investigação. As questões em estudo serão debatidas à luz da literatura apresentada na primeira parte deste trabalho. Deve-se contudo ter em conta as diferenças existentes entre os estudos, ressaltando principalmente o tamanho da

amostra (amostra significativamente inferior neste estudo, em comparação com outros descritos no enquadramento teórico). Além disso, a presente investigação é acima de tudo feita com a perspectiva da criança, que serviu para a análise deste complexo processo.

De um modo simplificado, a informação empírica poderá então ser discutida em torno de três eixos fundamentais: De que maneira as crianças institucionalizadas vêm a instituição e de que maneira a vivem, nomeadamente no que se refere às mudanças ocorridas nas suas vidas; Quais os principais medos e perdas que as crianças referem; De que maneira os medos, as perdas e as lembranças estão relacionados com a idade, o sexo e o tempo de institucionalização da criança.

4.1. A vivência institucional das crianças

Através da entrevista à criança foi possível entender, do ponto de vista da criança, o que era uma instituição e para que servia. Analisamos os discursos de todas as crianças e através dele foi possível verificar que todas elas acabam por referir mudanças nas suas vidas após a institucionalização. Certo é que algumas vêm a vida na instituição como uma coisa boa e que lhes permite ter cuidados que até então não tiveram, enquanto outras revelam uma certa tristeza no seu discurso, referindo que a vida delas era melhor quando estavam com os pais. Em consonância estão quando se trata de perguntar para que serve uma instituição. Foi claro aqui que para as crianças institucionalizadas uma instituição serve para cuidar delas, para lhes dar o que não tiveram dos pais, “Porque os pais não têm condições para ficar com eles”.

4.2. As perdas vivenciadas pelas crianças

É impossível as crianças institucionalizadas não passarem por processos de luto, isto porque inevitavelmente as crianças sentem falta de algo ou alguém e sentem isso como uma perda na vida delas. Pretendeu-se neste estudo conhecer as perdas das crianças e quais eram aquelas mais significativas para elas. Trata-se, portanto, de uma experiência de múltiplas perdas que requer a elaboração de numerosos lutos.

As perdas mais mencionadas foram a de “Conversar e estar com os meus pais”. A outra perda mais referida foi a de “Amor e carinho”. A menos referida, foi a dos vizinhos.

No que concerne às relações entre perdas e outras variáveis, existem claramente dados que nos remetem para a importância dos amigos na vida das crianças. Isto porque, como já visto nos resultados, o “Medo de perder os amigos”, que tem a média mais elevada, está significativamente relacionado com, para além de outros, o “Medo de ser rejeitado”, “Medo de ninguém gostar de mim” $p=.594$ e de “Ser abandonado” $p=.594$. Estes resultados mostram que os amigos e a falta deles é um assunto de grande relevo e importância na vida destas crianças. Isto pode-nos remeter para os vínculos que as crianças criam quando são afastadas da família. Nas instituições, muitas vezes, constata-se a falta de continuidade do pessoal que lá trabalha (Taylor, 2004) o que faz com que as crianças e jovens sintam uma falta de apoio mantido e consistente, podendo isso “servir-lhes para reforçar a ideia pré-existente de que não há ninguém que realmente se interesse” (p.68), daí os amigos serem o único apoio delas, daí também o medo de serem abandonados por eles e que não gostem deles.

Quando analisadas as relações das perdas com as lembranças foi também aí notória a significativa relação entre “amor e carinho” e “saber o que se passa em minha casa” com a lembrança do pai e da mãe. Nitidamente estas crianças sentem a falta de amor e carinho na instituição, isso vem corroborar a literatura que diz que a transição para uma instituição torna mais difícil dar às crianças o que elas precisam, por exemplo, atenção individualizada (Rutter, 1981, cit. in Gunnar & Van Dulmen, 2007).

4.3. As lembranças

Através da entrevista concluímos também em quem as crianças mais pensam e de quem são as suas lembranças.

Foi possível ver que as crianças se lembram mais vezes dos seus irmãos. E menos dos seus avós.

Em comparação com as idades, é notória a relação que existe entre as crianças entre os 5 e os 6 anos e as que têm entre 7 e 8 anos, sendo que estes últimos estão significativamente relacionados com a lembrança dos amigos ($p=.031$). Mais uma vez, os amigos a terem um papel crucial na vida das crianças.

4.4. Os medos

O ponto fulcral deste trabalho foram os medos. Através do questionário dos medos quisemos conhecer os medos mais comuns das crianças e através de um questionário de medos mais específicos pretendemos perceber e conhecer quais os medos relacionados com a institucionalização, mais referidos pelas crianças.

Em relação aos medos gerais, nomeadamente aos factores, os mais enunciados foram o “Medo do perigo” e o “Medo do falhanço e da crítica”. Os menos foram os medos “Relacionados com atos médicos”.

Em relação aos medos específicos, o medo de nunca mais verem a família e os amigos irem todos embora. Mais uma vez os amigos estão no topo dos discursos e das conclusões. O menos referido foi “Ser rejeitado”.

Por outro lado não foram encontradas evidências que comprovassem o tipo de medos em cada idade, como descrito na literatura. Não houve diferenças significativas, de idade, sexo ou com o tempo de institucionalização. Relativamente aos resultados referentes aos medos específicos e aos fatores e o valor total em função do sexo, não foram também encontradas diferenças significativas. No entanto, em relação aos medos específicos, o “Medo de voltar para a casa de onde saí” está ligeiramente relacionado com as idades dos 9 e dos 11 anos.

Muito interessantes foram as correlações que encontrámos entre os medos específicos e os gerais. Nomeadamente, o “Medo de ser rejeitado” que está fortemente correlacionado com o “Medo do falhanço e da crítica” $p=.882$, bem como o “Medo de ninguém gostar de mim” $p=.879$. O “Medo de me portar mal” também está relacionado com o “Medo do falhanço e da crítica” $p=.827$, o que nos leva a pensar no sentimento de culpa que as crianças possam ter e daí associarem o portar mal e o serem rejeitados ao falhanço. O sentimento de culpa está muitas vezes

associado a insegurança e a sentimentos de incompetência. Ou seja, quando nos sentimos culpados estamos perante uma falta de confiança em nós próprios.

Também de importante relevo, o “Medo de ser abandonado” $p=.739$ de “Ficar na instituição para sempre” $p=.738$ e de “Ser adotado” $p=.641$ e de “Tratarem mal” $p=.834$, com uma significância positiva em relação ao “Medo do desconhecido”, o que mostra que as crianças pensam no seu futuro e a imprevisibilidade do mesmo os faz ter medo.

5. Conclusões

Uma vez que este estudo é, na maioria dos sentidos, um estudo novo, pois outros estudos próximos não abrangem todas estas variáveis em conjunto, foi preciso um esforço adicional para o concluir e para conseguir ir ultrapassando todos os obstáculos ao longo deste percurso.

Face à escassez de instrumentos que norteassem a recolha dos dados, foi construído um guião de entrevista destinado a conhecer a percepção das crianças no que concerne à sua vivência institucional. Foi assim dada voz às crianças para que conhecêssemos os seus pontos de vista. A estas crianças era pedido, nada menos do que nos falarem da instituição, das suas opiniões sobre que era viver numa instituição e qual a utilidade que ela tinha, bem como conhecer aprofundadamente os medos, perdas e mudanças que ocorreram ao longo da institucionalização.

Foi também usado, como complementar ao questionário dos medos – Fear Survey Shedule For Children, um questionário de medos específicos, criado de raiz. Este revelou-se de extrema utilidade e pertinência, uma vez que todas as crianças se reviam nos medos enunciados.

Durante a recolha das narrativas tornou-se evidente a disponibilidade e interesse das crianças sobre estes momentos de partilha de acontecimentos de vida, o que sugere que estes constituirão para a criança oportunidades pertinentes de construção dos significados das suas vivências.

Importa desde logo assumir a natureza exploratória do estudo, fruto, entre outras variáveis, do número reduzido de participantes, que embora não comprometa a análise qualitativa e a compreensão da qualidade das narrativas produzidas, inevitavelmente impõe limites quanto à validade externa do estudo bem como a robustez da inferência estatística.

Tendo já sido referido o ponto fraco deste estudo, a pequena amostra, de futuro seria interessante dar continuidade a este estudo, com recurso a uma amostra maior e a outros instrumentos. Devido a alguns obstáculos não foi possível alargar este estudo a outros sujeitos para além das crianças institucionalizadas, mas como ponto forte, entrevistas às técnicas mais familiarizadas com as crianças poderão ser um recurso interessante para avaliar as variáveis aqui estudadas, mas também outras que não estão aqui referidas, tais como, relacionar perdas e medos com comportamentos desadaptativos que as crianças institucionalizadas podem revelar.

Por fim esperamos que este estudo não seja apenas um “dar a conhecer” de resultados, mas que sirva essencialmente para inspirar investigadores a estudar mais este tema e recorrendo a novos instrumentos e a que mais atenção seja dada a estas crianças.

Ao longo deste caminho parece evidente a necessidade de uma intervenção profissional orientada para o sucesso do desenvolvimento destas crianças.

Referências bibliográficas

- Alberto, I. (2003). “Como pássaros em gaiolas”? Reflexões em torno da institucionalização de menores em risco. In C. Machado & R. Gonçalves (Eds.), *Violência e vítimas de crimes*. Vol.2 – crianças (pp. 223-245). Coimbra: Quarteto.
- Batista, A. (1989). As fobias na prática clínica. *Psiquiatria na Prática Médica*, 2, 7-18.
- Bardin, L. (1988). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70
- Bowlby, J. (1993b). *Perda: tristeza e depressão* (Vol.3). São Paulo: Martins Fontes.
- Brazelton, B., & Greenspan, S. (2002). *A criança e o seu mundo. Requisitos essenciais para o crescimento e a aprendizagem*. Lisboa: Editorial Presença.
- Bronfenbrenner, U. (1979). The ecology of human development: *Experiments by nature and design*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Chisholm, K., Carter, M., Ames, E. & Morinson, S. (1995). Attachment security and indiscriminately friendly behaviour in children adopted from Romanian orphanages. *Development and Psychopathology*, 7, 283–294.
- Chisholm, K. (1998). A three-year follow-up of attachment and indiscriminate friendliness in children adopted from Romanian orphanages. *Child Development*, 69, 1092–1104.
- Ferreira, B., Borges, P., & Seixas, S. (2010). *Os medos na 2.ª infância – concepções e práticas do educador de infância*. Revista Interações (versão online), 15, 29-30.
- Gunnar, M., Bruce J., & Grotevant, H. (2000). International adoption of institutionally reared children: research and policy. *Development and Psychopathology*, 12 (1), 677- 693.
- Hobbs, G. F., Hobbs, C. J., & Wynne, J.M(1999). Abuse of children in foster and residential care. *Child abuse & Neglect*, 23(12), 1239-1252.
- Hodges, J., & Tizard, B. (1989a). IQ and behavioural adjustment of ex-institutional adolescents. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 30, 53–75.
- Johnson, D. (2000). Medical and developmental sequelae of early childhood institutionalization in Eastern European adoptees. In C. Nelson (Ed.). *Minnesota Symposia on Child Psychology.. The effects of early adversity on neurobehavioral development* (pp.113-162). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Maclean, K. (2003). The impact of institutionalization. *Development and Psychopathology* (15), 853-884.

- Martins, P. (2001). A avaliação como factor estruturante e promotor do desenvolvimento pessoal. *Psicologia, Educação e Cultura*, Vol. V(1), 63-70.
- Martins, E. (2002). As Reformas Sociais e a Protecção da Criança Marginalizada (Estudo Histórico do Século XIX a Meados do Século XX). *Infância e Juventude*, 3, 55-93.
- Martins, P. (2004). *Protecção de Crianças e Jovens em Itinerários de Risco. Representações, Espaços e Modos*. Tese de doutoramento em Estudos da Criança. Universidade do Minho.
- Martins, P. (2005). A Qualidade dos Serviços de Protecção às Crianças e Jovens – As Respostas Institucionais” In Intervenção realizada no VI Encontro Cidade Solidária: *Crianças em Risco: será possível converter o risco em oportunidade?* Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian. Maio de 2005.
- Martins, P. (2005). *O desenvolvimento pessoal e social da criança em contexto de vida institucional — elementos para uma análise da ecologia da interpessoalidade*.
- Martins, E. (2006). A Infância Desprotegida Portuguesa na Primeira Metade do Século XX. *Infância e Juventude*, 4 (6), 93-131.
- Oliveira-Formosinho, J., Araújo, S., & Sousa, Z. (2001/2002). A institucionalização enquanto transição ecológica: a fenomenologia da experiência no momento de pós-transição. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 17- 18, 267-276.
- Papalia, D., Olds, S., & Feldman, R. (2009). *O mundo da criança – da infância à adolescência*. McGraw Hill: São Paulo. 11.ª edição, 321.
- Price, J. M., & Landsverk, J. (1998). Social information: Processing patterns as predictors of social adaptation and behavior problems among maltreated children in foster care. *Child Abuse & Neglect*, 22(9), 845-858.
- Proposta de Lei n.º 265/VII, Diário da Assembleia da República, II série A, n.º 54, de 17 de Abril de 1999.
- Proposta de Lei n.º 266/VII, Diário da Assembleia da República, II série A, n.º 54, de 17 de Abril de 1999.
- Rutter, M., & the English and Romanian Adoptees Study Team. (1998). Developmental catch-up, and delay, following adoption after severe global early privation. *British*

Journal of Psychology and Psychiatry, 39, 465-476.

Sampaio, F., Martins, A., & Oliveira, T. (s/d). *Medos normais de crianças em contexto hospitalar segundo o Fear Survey Schedule For Children – Revised*, FSSC-R. 254-255.

Siqueira, A., & Dell’Aglío, D. (2006). O impacto da institucionalização na infância e na adolescência: uma revisão da literatura. *Psicologia & Sociedade*, 18 (1), 71-80.

Taylor, C. (2004). Justiça para Crianças Integradas no Sistema de Protecção. *Infância e Juventude*, 1, 56-77.

Tinoco, V. & Franco, M. H. P. (2011). O luto em instituições de abrigo de crianças. *Estudos de Psicologia* 28 (4), pp. 427-434.

Tizard, B., & Rees, J. (1974). A comparison of the effects of adoption, restoration to the natural mother, and continued institutionalization on the cognitive development of four year-old children. *Child Development*, 45, 92–99.

Tizard, B., & Rees, J. (1975). The effect of early institutional rearing on the behaviour problems and affectional relationships of four year old children. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 16, 61–73.

Tizard, B., & Hodges, J. (1978). The effect of early institutional rearing on the development of eight-year-old children. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 19, 99–118.

Vilaverde, M. (2000). *Factores de risco e factores protectores em crianças vítimas de maus tratos a viver em instituições*. Tese de Mestrado em Educação Especial e Formação Psicológica de Professores. Instituto de Educação e Psicologia - Universidade do Minho, Braga. pp. 291.

Vorria, P., Rutter, M., Pickles, A., Wolkind, S., & Hosbaum, A. (1998a). A comparative study of Greek children in long-term residential group care and in two-parent families: I. Social, emotional, and behavioural differences. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 39, 225-236.

Vorria, P., Papaligoura, Z., Sarafidou, J., Kopakaki, M., Dunn, J., Van IJzendoorn, M., Kontopoulou, A. (2006). The development of adopted children after institutional care: a follow-up study. *Journal of Child Psychology*, 47, 1246-1253.

Anexos

Anexo A – Ficha de dados de identificação

Código: _____

Ficha de Identificação da Criança e do Percurso de Vida - Entrevista ao Técnico -

Margarida Rangel Henriques, Catarina Ribeiro & Pedro Saraiva

FPCE-UP (2009)

Investigador: _____

Data: _____

Contexto de Residência:

Instituição ☐

Família Biológica ☐

Família por Adoção ☐

I. Dados Pessoais

1. Nome da criança _____

2. Sexo: F__ M__

3. Data de Nascimento: __/__/__ Idade: _____

II. Dados Escolares

4. Ano de Escolaridade: _____

5. Número de reprovações: _____

Observações: _____

6. Rendimento escolar: Muito bom__ Bom__ Médio__ Insuficiente__

III. Dados de Saúde e Desenvolvimento

7. Gravidez acompanhada: Sim__ Não__

8. Gravidez de risco: Sim___ Não___

Se Sim,

especifique:_____

9. Prematuridade: Sim___ Não___

Se Sim,

especifique:_____

10. Complicações perinatais: Sim___ Não___

Se Sim,

especifique:_____

11. Existência de algum problema de saúde: Sim___ Não___

Se Sim, qual

(quais)?_____

12. Existência de algum problema de desenvolvimento (documentado no processo ou referido pelo(a) técnico(a)): Sim___ Não___

Observações_____

13. Existência de avaliação psicológica ou psiquiátrica: Sim___ Não___

Se Sim,

a)

Quando:_____

—

b) Qual

(ais):_____

c)

Resultados:_____

14. Encontra-se, atualmente, em acompanhamento psicológico ou psiquiátrico? Sim___ Não___

Se Sim, especifique:

IV. Dados Familiares

15. Composição do agregado familiar no momento da retirada da criança:

Grau de Parentesco	Idade	Habilitações Literárias	Actividade Profissional

16. Nível socioeconómico da família: baixo__ médio baixo__ médio__ médio alto__
alto__

17. Existência de algum problema de saúde dos progenitores? Sim__ Não__

Se Sim, qual

(quais)?_____

18. Existência de institucionalização? Sim__ Não__

Se Sim, especifique:

A. Dados sobre a Institucionalização

Instituição de

acolhimento:_____

Técnico da instituição mais familiarizado com a criança

(função):_____

Existência de técnico oficial responsável pela criança: Não__ Sim__

Quem?_____

1. Data do início da institucionalização atual:

2. Motivo/ acontecimento que levou ou esteve implicado na retirada da família biológica e no
acolhimento institucional

atual:_____

3. Existência de negligência: Sim___ Não___

4. Existência de maus-tratos familiares: Sim___ Não___

5. Tipo de mau-trato:

Mau trato Físico___

Mau trato Psicológico___

Abuso sexual___

6. Elemento(s) abusador(es) (grau de parentesco): _____

7. Existência de institucionalizações anteriores: Sim___ Não___

8. Número de institucionalizações: _____

Se mais do que 1, especificar síntese do percurso de institucionalização até ao momento actual
(datas, motivo(s), número de instituições, tempo de acolhimento, ...)

9. Medida de proteção atual

aplicada: _____

10. Conhecimento da medida por parte da criança: Sim___ Não___

11. Existência de contactos com a família: Sim___

Periodicidade: _____

Não___

12. Como foi a adaptação da criança à instituição?

13. Na sua opinião, em que medida a criança se encontra integrada...

	nada integrada					perfeitamente integrada
a) ... na instituição	1	2	3	4	5	
b) ... contexto escolar	1	2	3	4	5	
c) ... grupo de pares na instituição	1	2	3	4	5	

14. Existe, da parte da criança, preferência por algum adulto da instituição:

Não ____ Sim ____ Quem? _____

15. Em que medida é que a criança (substituir pelo nome) conta coisas que lhe acontecem no dia-a-dia, na sua vida no geral?

16. Com que frequência a criança faz referência a acontecimentos anteriores à institucionalização?

Nunca				Muito frequentemente
1	2	3	4	5

17. A criança tem uma família de afeto? Sim ____ Não ____

Se Sim, especifique (há quanto tempo, periodicidade dos encontros)

18. Por norma, a criança sai da instituição ao fim-de-semana? Sim ____ Não ____

Se Sim, especifique (para onde vai)

19. Na sua opinião, qual o estado de humor dominante da criança?

Alegre ____ Zangado ____ “Apático”/ Indiferente ____ Triste ____
Instável ____

Anexo B – Entrevista semiestruturada para as crianças



Código: _____

Data: _____

Instituição: _____

Entrevista às crianças institucionalizadas

Ana Soares & Margarida Henriques (2014)
FPCEUP

Instrução

Gostaria de conversar um pouco contigo sobre algumas coisas que foram acontecendo na tua vida e sobre o sítio onde tu vives agora. Desde que chegaste aqui que algumas coisas devem ter mudado e gostava que me falasses um bocado sobre isso. Tudo aquilo que tu me contares eu não vou contar a ninguém. Vou utilizar este gravador para depois me ajudar a relembrar as coisas que nós formos falando, pode ser? Queres fazer alguma pergunta?

I. Identificação da criança

1. Como te chamas?

2. Quantos anos tens?

3. Onde é que tu vives?

4. O que mais gostas de fazer?

5. Andas na escola? Em qual? Em que ano?

6. E gostas de andar lá?

Nada	Não gostas muito	Gostas mais ao menos	Gostas	Adoras
------	------------------	----------------------	--------	--------

7. Como te dás com os teus amigos da escola?

Muito mal	Mal	Mais ao menos	Bem	Muito bem
-----------	-----	---------------	-----	-----------

II. A vinda para a instituição e as rotinas

8. Que idade tinhas quando vieste para aqui?

9. Onde estavas antes de vires para cá?

10. Achas que já te habituaste-te às regras daqui da instituição/centro/casa (usar o nome pelo qual a criança designa o sítio onde está)?

11. Como foi para te habituares às regras aqui da instituição/centro/casa (usar o nome pelo qual a criança designa o sítio onde está)?

1

6

Muito difícil	Difícil	Nem fácil Nem Difícil	Fácil	Muito fácil
---------------	---------	-----------------------	-------	-------------

12. Como é que te sentes a maior parte do tempo?

III. Compreensão da criança sobre a institucionalização

13. O que é para ti uma instituição/centro?

14. Para que é que servem estas instituições?

15. Porquê que as crianças vão viver para as instituições?

16. Achas que os teus colegas da escola que não vivem em instituições sabem o que é uma instituição/centro/casa (usar o nome pelo qual a criança designa o sítio onde está)?

17. Se tivesses que explicar a um amigo da escola o que é viver numa instituição o que dirias?

18. Falas sobre a instituição com os teus amigos?

18.1. Se sim, o que lhes contas?

18.2. Se não, gostavas de falar sobre isso com eles?

IV. A sua vinda para a instituição

19. Agora vou-te pedir que me contes como era a tua vida antes de vires para cá.... O que mudou desde que vieste para cá? ... E agora como é a tua vida?...

Antes

O que mudou

Agora

De que é que sentes falta?

1. Dos meus pais	Nunca	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
2. Da minha família	Nunca	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
3. Dos meus vizinhos	Nunca	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
4. De brincar com os meus amigos	Nunca	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
5. De saber o que se passa em minha casa	Nunca	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
6. De conversar e estar com os meus pais	Nunca	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
7. De segurança	Nunca	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
8. De amor e carinho	Nunca	Às vezes	Muitas vezes	Sempre

20. Como é que te sentes quando falas destas pessoas (o teu pai, a tua mãe, os teus avós, os teus irmãos, os teus amigos)? O que é que achas que mudou desde que não estás com eles?

21. Lembras-te muitas vezes destas pessoas?

Mãe	Nunca	Quase nunca	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
Pai	Nunca	Quase nunca	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
Irmãos	Nunca	Quase nunca	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
Avós	Nunca	Quase nunca	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
Amigos	Nunca	Quase nunca	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
Família alargada (tios, primos, etc.)	Nunca	Quase nunca	Às vezes	Muitas vezes	Sempre

- 22.** Essa lembrança (das pessoas que falamos agora) vem-te à cabeça assim sem nenhuma razão ou é mais quando acontece alguma coisa? Quando estás assim mais triste, mais chateado(a) ou quando estás muito feliz...?

- 23.** Quando te lembras destas coisas, como é que é? O que é que sentes, o que é que pensas? E o que é que fazes?

- 24.** Lembraste muitas vezes do teu passado e de como era antes de vires para cá?

- 25.** Em que costumavas pensar quando te lembras de como era antes de vires para cá?

- 26.** E agora que cá estás conta-me o que mais gostas da instituição/centro/casa(nome pelo qual a criança se refere à instituição).

Anexo C – Consentimento informado

Pedido de Autorização

No âmbito de um projecto de mestrado sob a coordenação científica da Professora Doutora Margarida Rangel Henriques da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, encontra-se a decorrer um estudo sobre os *medos, as mudanças e perdas das crianças institucionalizadas* (entre os 5 e os 11 anos).

Assim, vimos por este meio dirigir-lhe este pedido de autorização para a participação das crianças acolhidas na instituição que dirige, sensibilizando-o para a importância da sua colaboração neste projeto, uma vez que a sua participação é essencial para que possamos aprofundar o conhecimento sobre a forma como as crianças que se encontram em acolhimento institucional vivem as mudanças com que se confrontam na sua vida.

A colaboração da criança consiste em participar numa entrevista sobre alguns aspectos da sua vida e rotinas atuais e no preenchimento, com ajuda, de um questionário de medos, estando a entrevista sujeita a gravação áudio. O momento destes encontros seriam agendados de acordo com a disponibilidade da instituição. Os dados recolhidos serão tratados de forma anónima e confidencial, a audição das gravações áudio será feita, exclusivamente, pelos investigadores e todos os resultados destinam-se exclusivamente a fins científicos, pelo que em nenhuma circunstância serão fornecidos ou divulgados os dados individuais.

Desde já agradecemos a vossa melhor atenção.

A Coordenadora da equipa,

A Investigadora,

(Prof. Dra. Margarida Rangel Henriques)

(Ana Sofia Soares)

Fomos informados dos objectivos e procedimentos do estudo e aceitamos participar no projecto, assim como também autorizamos a participação das crianças que cá se encontram com idades entre os 4 e os 11 anos, consentindo que os resultados sejam integrados no grupo de todos os participantes para apresentações em congressos científicos e publicações.

Nome da Instituição:

Data __/ __/ __

Assinaturas: _____

Anexo D – Questionário de medos específicos

Questionário de Medos específicos da criança em instituição

Ana Soares & Margarida R. Henriques (2014)

FPCEUP

- | | | | | |
|-----|---|--------|-------|-------|
| 1. | Medo de ser rejeitado | Nenhum | Algum | Muito |
| 2. | Medo de nunca ter uma família | Nenhum | Algum | Muito |
| 3. | Medo de ninguém gostar de mim | Nenhum | Algum | Muito |
| 4. | Medo de nunca mais ver a minha mãe/pai | Nenhum | Algum | Muito |
| 5. | Medo de ter que voltar para a casa de onde saí | Nenhum | Algum | Muito |
| 6. | Medo dos meus pais se esquecerem de mim | Nenhum | Algum | Muito |
| 7. | Medo de me portar mal | Nenhum | Algum | Muito |
| 8. | Medo de ser abandonado | Nenhum | Algum | Muito |
| 9. | Medo dos adultos me tratarem mal | Nenhum | Algum | Muito |
| 10. | Medo de ficar na instituição/centro para sempre | Nenhum | Algum | Muito |
| 11. | Medo dos meus amigos irem embora e euficar aqui | Nenhum | Algum | Muito |
| 12. | Medo de ser adotado | Nenhum | Algum | Muito |

1. Há algum medo que tu tenhas que não esteja aqui?

SIM	NAO
-----	-----

Anexo E - Questionário dos medos gerais (Fear Survey Shedule for children-revised)

Fear Survey Schedule For Children – Revised (FSSC-R) – Versão de Estudo Ollendick (1978)

Tradução de Pedro Dias e Miguel Gonçalves (Universidade do Minho)

Nas próximas páginas vais encontrar um conjunto de afirmações que os rapazes e raparigas usam para descrever os medos que têm. Lê cada um dos medos com cuidado e põe uma cruz no quadro à frente das palavras que descrevem o teu medo. Não existem respostas certas nem erradas. Lembra-te, encontra as palavras que melhor descrevem quanto medo tu tens. **Eu tenho medo de...**

1.	Responder oralmente à professora	Nenhum		Algum		Muito	
2.	Andar de carro ou autocarro	Nenhum		Algum		Muito	
3.	Ser castigado pelo adulto que mais gosto	Nenhum		Algum		Muito	
4.	Lagartos	Nenhum		Algum		Muito	
5.	Parecer disparatado	Nenhum		Algum		Muito	
6.	Fantasmas ou coisas assustadoras	Nenhum		Algum		Muito	
7.	Objetos afiados	Nenhum		Algum		Muito	
8.	Ter de ir ao Hospital	Nenhum		Algum		Muito	
9.	Morte ou pessoas mortas	Nenhum		Algum		Muito	
10.	Perder-me num lugar estranho	Nenhum		Algum		Muito	
11.	Cobras	Nenhum		Algum		Muito	
12.	Falar ao telefone	Nenhum		Algum		Muito	
13.	Montanha-Russa ou outras diversões parecidas	Nenhum		Algum		Muito	
14.	Adoecer na escola	Nenhum		Algum		Muito	
15.	Ser mandado ao diretor da escola	Nenhum		Algum		Muito	
16.	Andar de comboio	Nenhum		Algum		Muito	
17.	Ser deixado em casa com alguém a tomar conta	Nenhum		Algum		Muito	
18.	Ursos ou Lobos	Nenhum		Algum		Muito	
19.	Conhecer alguém pela primeira vez	Nenhum		Algum		Muito	
20.	Ataques com bombas - Ser invadido	Nenhum		Algum		Muito	
21.	Apanhar uma injeção	Nenhum		Algum		Muito	
22.	Ir ao médico	Nenhum		Algum		Muito	
23.	Lugares altos, como montanhas	Nenhum		Algum		Muito	
24.	Ser gozado	Nenhum		Algum		Muito	
25.	Aranhas	Nenhum		Algum		Muito	
26.	Um ladrão entrar na nossa casa	Nenhum		Algum		Muito	
27.	Andar de avião	Nenhum		Algum		Muito	
28.	Ser chamado pela professora	Nenhum		Algum		Muito	
29.	Tirar más notas	Nenhum		Algum		Muito	
30.	Morcegos ou pássaros	Nenhum		Algum		Muito	
31.	Ser criticado por adultos	Nenhum		Algum		Muito	
32.	Armas	Nenhum		Algum		Muito	
33.	Entrar numa luta	Nenhum		Algum		Muito	
34.	Fogo - Ficar queimado	Nenhum		Algum		Muito	
35.	Cortar-me ou ferir-me	Nenhum		Algum		Muito	
36.	Estar no meio de uma multidão	Nenhum		Algum		Muito	
37.	Tempestades com trovões	Nenhum		Algum		Muito	
38.	Ter que comer comidas que não gosto	Nenhum		Algum		Muito	
39.	Gatos	Nenhum		Algum		Muito	
40.	Reprovar num teste	Nenhum		Algum		Muito	
41.	Ser atropelado por um carro ou camião	Nenhum		Algum		Muito	

42.	Ter de ir para a escola	Nenhum		Algum		Muito	
43.	Entrar em jogos "brutos" durante o intervalo	Nenhum		Algum		Muito	
44.	Os meus pais discutirem	Nenhum		Algum		Muito	
45.	Quartos escuros ou armários	Nenhum		Algum		Muito	
46.	Fazer atuações em público	Nenhum		Algum		Muito	
47.	Formigas ou carochas	Nenhum		Algum		Muito	
48.	Ser criticado por outros	Nenhum		Algum		Muito	
49.	Pessoas com ar "estranho"	Nenhum		Algum		Muito	
50.	Ver sangue	Nenhum		Algum		Muito	
51.	Ir ao médico	Nenhum		Algum		Muito	
52.	Cães estranhos ou com ar de maus	Nenhum		Algum		Muito	
53.	Cemitérios	Nenhum		Algum		Muito	
54.	Receber a caderneta com as notas	Nenhum		Algum		Muito	
55.	Cortar o cabelo	Nenhum		Algum		Muito	
56.	Águas profundas ou o mar	Nenhum		Algum		Muito	
57.	Pesadelos	Nenhum		Algum		Muito	
58.	Cair de locais altos	Nenhum		Algum		Muito	
59.	Apanhar um choque elétrico	Nenhum		Algum		Muito	
60.	Ir para a cama no escuro	Nenhum		Algum		Muito	
61.	Enjoar no carro	Nenhum		Algum		Muito	
62.	Estar sozinho	Nenhum		Algum		Muito	
63.	Ter que usar roupas diferentes dos outros	Nenhum		Algum		Muito	
64.	Ser castigado pelos adultos que cuidam de mim	Nenhum		Algum		Muito	
65.	Ter que ficar na escola depois das aulas	Nenhum		Algum		Muito	
66.	Cometer erros	Nenhum		Algum		Muito	
67.	Filmes de mistério/suspense	Nenhum		Algum		Muito	
68.	Sirenes que tocam alto	Nenhum		Algum		Muito	
69.	Fazer algo de novo	Nenhum		Algum		Muito	
70.	Micróbios ou ficar muito doente	Nenhum		Algum		Muito	
71.	Lugares fechados	Nenhum		Algum		Muito	
72.	Tremores de Terra	Nenhum		Algum		Muito	
73.	Drogados/ Alcoólicos	Nenhum		Algum		Muito	
74.	Elevadores	Nenhum		Algum		Muito	
75.	Lugares escuros	Nenhum		Algum		Muito	
76.	Não ser capaz de respirar	Nenhum		Algum		Muito	
77.	Ser picado por abelhas	Nenhum		Algum		Muito	
78.	Minhocas ou caracóis	Nenhum		Algum		Muito	
79.	Ratazanas ou ratos	Nenhum		Algum		Muito	
80.	Fazer um teste	Nenhum		Algum		Muito	

Anexo F – Fatores e classificação de cada medo geral

Pedro Dias e Miguel Gonçalves (1999)
Departamento de Psicologia-Universidade do Minho

FSSC-R (Ollendick, 1983)

Questionário de Avaliação de diferentes categorias de medos

Classificação:

Neste questionário, os itens devem ser cotados da seguinte forma:

Nenhum = 0
Algum = 1
Muito = 2

O resultado total obtém-se somando a classificação obtida pela criança nos 80 itens. O resultado de cada um dos 5 factores é obtido somando-se os itens pertencentes cada uma das escalas.

Grelha de cotação dos 5 factores:

Factor 1: Medo do falhanço e da crítica		Factor 2: Medo do perigo, morte e ferimentos		Factor 3: Medo do desconhecido		Factor 4: Medo de animais		Factor 5: Medos relacionados com actos médicos	
Item	Resultado	Item	Resultado	Item	Resultado	Item	Resultado	Item	Resultado
1	_____	3	_____	2	_____	4	_____	8	_____
5	_____	6	_____	12	_____	11	_____	21	_____
14	_____	7	_____	13	_____	18	_____	22	_____
15	_____	9	_____	16	_____	25	_____	50	_____
24	_____	10	_____	17	_____	30	_____	51	_____
28	_____	20	_____	19	_____	47	_____		
29	_____	23	_____	27	_____	52	_____		
31	_____	26	_____	36	_____	77	_____		
38	_____	32	_____	39	_____	78	_____		
40	_____	33	_____	42	_____	79	_____		
44	_____	34	_____	45	_____				
46	_____	35	_____	53	_____				
48	_____	37	_____	55	_____				
54	_____	41	_____	60	_____				
63	_____	43	_____	62	_____				
64	_____	49	_____	65	_____				
66	_____	56	_____	67	_____				
80	_____	57	_____	68	_____				
		58	_____	69	_____				
		59	_____	71	_____				
		61	_____	74	_____				
		70	_____	75	_____				
		72	_____						
		73	_____						
		76	_____						
Total F1	_____	Total F2	_____	Total F3	_____	Total F4	_____	Total F5	_____

Total do FSSC-R (80 itens): _____

Anexo G - Mínimo, Máximo, Média e Desvios-Padrão de cada medo geral organizados do mais referido para o menos referido

Mínimo, Máximo, Média e Desvios-Padrão de cada medo geral organizados do mais referido para o menos

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-Padrão
36- "Estar no meio de uma multidão"	15	0	2	1,13	,915
26- "Um ladrão entrar na nossa casa"	15	0	2	1,13	,990
35- "Cortar-me ou ferir-me"	15	0	2	1,07	,961
58- "Cair de locais altos"	15	0	2	1,07	,961
20- "Ataques com bombas - Ser invadido"	15	0	2	1,07	,961
41- "Ser atropelado por um carro ou camião"	15	0	2	1,00	,926
34- "Fogo - Ficar queimado"	15	0	2	1,00	1,000
11- "Cobras"	15	0	2	1,00	1,000
72- "Tremores de Terra"	15	0	2	1,00	1,000
70- "Micróbios ou ficar muito doente"	15	0	2	1,00	,926
77- "Ser picado por abelhas"	15	0	2	,93	,961
60- "Ir para a cama no escuro"	15	0	2	,93	,884
40- "Reprovar num teste"	15	0	2	,93	,961
68- "Sirenes que tocam alto"	15	0	2	,93	,961
59- "Apanhar um choque elétrico"	15	0	2	,93	,961
38- "Ter que comer comidas que não gosto"	15	0	2	,93	,961
45- "Quartos escuros ou armários"	15	0	2	,87	,990
78- "Minhocas ou caracóis"	15	0	2	,87	,990
57- "Pesadelos"	15	0	2	,87	,990
6- "Fantasmas ou coisas assustadoras"	15	0	2	,87	,990
5- "Parecer disparatado"	15	0	2	,87	,834
52- "Cães estranhos ou com ar de maus"	15	0	2	,87	,990
44- "Os meus pais discutirem"	15	0	2	,87	,915
32- "Armas"	15	0	2	,87	,990
29- "Tirar más notas"	15	0	2	,87	,915
18- "Ursos ou Lobos"	15	0	2	,87	,990
14- "Adoecer na escola"	15	0	2	,87	,990
80- "Fazer um teste"	15	0	2	,80	,941
79- "Ratazanas ou ratos"	15	0	2	,80	,941
71- "Lugares fechados"	15	0	2	,80	,941
66- "Cometer erros"	15	0	2	,80	1,014
61- "Enjoar no carro"	15	0	2	,80	,941

56- "Águas profundas ou o mar"	15	0	2	,80	1,014
50- "Ver sangue"	15	0	2	,80	1,014
27- "Andar de avião"	15	0	2	,80	,941
25- "Aranhas"	15	0	2	,80	1,014
10- "Perder-me num lugar estranho"	15	0	2	,80	,941
9- "Morte ou pessoas mortas"	15	0	2	,80	1,014
3- "Ser castigado pelo adulto que mais gosto"	15	0	2	,80	,941
2- "Andar de carro ou autocarro"	15	0	2	,80	,941
1- "Responder oralmente à professora"	15	0	2	,80	,941
76- "Não ser capaz de respirar"	15	0	2	,73	,884
75- "Lugares escuros"	15	0	2	,73	,884
73- "Drogados/ Alcoólicos"	15	0	2	,73	,961
67- "Filmes de mistério/suspense"	15	0	2	,73	,961
62- "Estar sozinho"	15	0	2	,73	,961
42- "Ter de ir para a escola"	15	0	2	,73	,961
37- "Tempestades com trovões"	15	0	2	,73	,961
33- "Entrar numa luta"	15	0	2	,73	,961
30- "Morcegos ou pássaros"	15	0	2	,73	,961
24- "Ser gozado"	15	0	2	,73	,884
7- "Objetos afiados"	15	0	2	,73	,961
64- "Ser castigado pelos adultos que cuidam de mim"	15	0	2	,67	,976
53- "Cemitérios"	15	0	2	,67	,976
51- "Ir ao médico"	15	0	2	,67	,976
48- "Ser criticado por outros"	15	0	2	,67	,816
23- "Lugares altos, como montanhas"	15	0	2	,67	,976
21- "Apanhar uma injeção"	15	0	2	,67	,976
15- "Ser mandado ao diretor da escola"	15	0	2	,67	,900
8- "Ter de ir ao Hospital"	15	0	2	,67	,900
65- "Ter que ficar na escola depois das aulas"	15	0	2	,60	,910
69- "Fazer algo de novo"	15	0	2	,60	,828
55- "Cortar o cabelo"	15	0	2	,60	,828
31- "Ser criticado por adultos"	15	0	2	,60	,910
19- "Conhecer alguém pela primeira vez"	15	0	2	,60	,828
17- "Ser deixado em casa com alguém a tomar conta"	15	0	2	,60	,910
63- "Ter que usar roupas diferentes dos outros"	15	0	2	,53	,834
46- "Fazer atuações em público"	15	0	2	,53	,915
54- "Receber a caderneta com as notas"	15	0	2	,53	,834
49- "Pessoas com ar "estranho"	15	0	2	,53	,834

4- "Lagartos"	15	0	2	,53	,834
28- "Ser chamado pela professora"	15	0	2	,47	,743
22- "Ir ao médico"	15	0	2	,47	,834
13- "Montanha-Russa ou outras diversões parecidas"	15	0	2	,40	,828
74- "Elevadores"	15	0	2	,40	,737
47- "Formigas ou carochas"	15	0	2	,33	,724
43- "Entrar em jogos "brutos" durante o intervalo"	15	0	2	,33	,724
39- "Gatos"	15	0	2	,33	,724
12- "Falar ao telefone"	15	0	2	,33	,724
16- "Andar de comboio"	14	0	2	,14	,535
Valid N (listwise)	14				